



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE MIRACEMA DO TOCANTINS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**MARIA-LETÍCIA DI RODRIGUES ARAUJO**

**O MITO DA BELEZA E A PSICANÁLISE: ANÁLISE DOS PADRÕES DE BELEZA  
EM INTERFERÊNCIA AO FEMININO**

**Miracema do Tocantins, TO**

**2022**

**Maria-Letícia di Rodrigues Araujo**

**O mito da beleza e a psicanálise:  
Análise dos padrões de beleza em interferência ao feminino**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema, Curso de Psicologia, para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da professora Dra. Jamile Luz Morais Monteiro.

Miracema do Tocantins, TO

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- A663m Araujo, Maria-Leticia di Rodrigues.  
O mito da beleza e a psicanálise: Análise dos padrões de beleza em interferência ao feminino. / Maria-Leticia di Rodrigues Araujo. – Miracema, TO, 2022.  
59 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2022.  
Orientadora : Jamile Luz Morais Monteiro
1. Padrões de Beleza. 2. Psicanálise. 3. Feminino. 4. Mídias Sociais. I. Título

**CDD 150**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

MARIA-LETÍCIA DI RODRIGUES ARAUJO

O MITO DA BELEZA E PSICANÁLISE:  
ANÁLISE DOS PADRÕES DE BELEZA EM INTERFERÊNCIA AO FEMININO

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema, Curso de Psicologia, foi avaliada para obtenção do título de Psicólogo(a) e aprovada em sua forma final pelo Orientador(a) e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 19/ 12 / 2022

Banca Examinadora:

---

Prof.(a) Dr.(a) Jamile Luz Morais Monteiro, Orientador(a), UFT

---

Prof.(a) M.(a) Patrícia do Socorro Nunes Pereira Lima, Examinador(a), UNAMA

---

Prof. M.(e) André de Paulo Duarte, Examinador, UFG

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas(os) as(os) professoras(es) do corpo acadêmico de psicologia da Universidade Federal do Tocantins, que em muito contribuíram para a minha formação como profissional. Em especial a Professora Jamile, que além de orientadora é para mim uma inspiração, agradeço sua gentileza, paciência e toda a bagagem intelectual que transmitiu durante todo o percurso acadêmico.

Quero agradecer a professora Cristina Vianna, que teve grande importância durante toda minha formação.

Deixo um agradecimento às mulheres da minha vida, que foram a inspiração deste trabalho e motivo da escolha da minha profissão.

Um agradecimento especial à minha mãe, Ana-Cristina, às minhas avós Izabel e Marta, à minha tia Tatiana e às minhas amigas Wanessa, Carolina, Aline, e Emilly.

Agradeço aos meus familiares e amigos(as), que me apoiaram muito na construção deste trabalho, como em outros momentos da graduação que tanto precisei, principalmente ao meu pai, Rogério, ao meu tio, Giordano e ao meu avô Itamar.

Mrs. Potato Head

If you weren't born with it  
You can buy a couple ornaments  
Just be sure to read the warning kids  
'Cause pretty soon you'll be bored of it  
Sexual Hey girl, if you wanna feel sexual  
You can always call up a professional  
They stick pins in you like a vegetable  
Kids forever, kids forever  
Baby soft skin turns into leather  
Don't be dramatic, it's only some plastic  
No one will love you if you're unattractive  
Oh, Mrs. Potato Head tell me  
Is it true that pain is beauty?  
Does a new face come with a warranty?  
Will a pretty face make it better?  
Oh, Mrs. Potato Head tell me  
How did you afford her surgery?  
Do you swear you'll stay forever?  
Even if her face don't stay together  
(Even if her face don't stay together)  
If you want a little more confidence  
Potatoes turn to french fries, yeah,  
It's common sense  
All you need's a couple more condiments  
And a hundred thousand dollars  
For some compliments  
It's such a waste  
When little girls grow  
Into their mothers face  
But little girls are learning  
How to cut and paste  
And pucker up their lips until they suffocate

Composição: Jeremy Dussoliet / Melanie Martinez / Timothy Sommers

lbum: Cry Baby

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar as implicações subjetivas dos padrões de beleza em interferência ao feminino, partindo das inquietações da obra de Naomi Wolf, “O mito da beleza” e das teorizações psicanalíticas acerca da feminilidade. Como método, utilizou-se o estudo bibliográfico e a pesquisa de campo. Como instrumento, foi usada a entrevista semiestruturada a partir de um roteiro previamente estabelecido. Participaram deste estudo três mulheres com idade de 25, 35 e 41 anos. A partir das reflexões despertadas, compreendeu-se que as mídias sociais contribuem para a construção da imagem de um Ideal de Eu corporal, pautado em um padrão inatingível. Este fato, por sua vez, conduz as mulheres em uma busca incessante por atingir esse ideal. Por fim, observou-se que as imposições de um tipo de beleza causam sofrimento psíquico nas mulheres que, pelos relatos, veem como impossibilitadas de serem escolhidas como objeto de amor do outro, demonstrando também medo do envelhecimento por ter como consequência a invisibilidade e segregação social. Portanto, a beleza é colocada como constructo simbólico para responder ao enigma da feminilidade. Sendo lida como característica intrínseca ao gênero feminino, a beleza é utilizada como ferramenta capitalista para incitar o consumo de produtos e tornar as mulheres produtos a serem consumidos.

**Palavras-chave:** Padrões de beleza. Psicanálise. Feminino. Mídias sociais.

## **ABSTRACT**

The present work aimed to investigate the subjective implications of beauty standards in interference with the feminine, starting from the concerns of Naomi Wolf's work, "The beauty myth" and the psychoanalytic theories about femininity. As a method, a bibliographical study and field research were used. As an instrument, a semi-structured interview was used based on a previously established script. Three women aged 25, 35 and 41 years old participated in this study. From the awakened reflections, it was understood that social media contribute to the construction of the image of an ideal body self, based on an unattainable standard. This fact, in turn, leads women in an incessant quest to achieve this ideal. Finally, it was observed that the impositions of a type of beauty cause psychic suffering in women who, according to the reports, see it as impossible to be chosen as an object of love for the other, also demonstrating fear of aging as a consequence of invisibility and segregation Social. Therefore, beauty is placed as a symbolic construct to answer the enigma of femininity. Being read as an intrinsic characteristic of the female gender, beauty is used as a capitalist tool to encourage the consumption of products and make women products to be consumed.

**Keywords:** Beauty standards. Psychoanalysis. Feminine. Social media.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil sócio demográfico das participantes.....	24
Tabela 2 - Respostas à questão 1.....	25
Tabela 3 - Respostas à questão 2.....	26
Tabela 4 - Respostas à questão 3.....	27
Tabela 5 - Respostas à questão 4.....	28
Tabela 6 - Respostas à questão 5.....	28
Tabela 7 - Respostas à questão 6.....	29
Tabela 8 - Respostas à questão 7.....	30
Tabela 9 - Respostas à questão 8.....	31
Tabela 10 - Respostas à questão 9.....	33
Tabela 11 - Respostas à questão 10.....	35

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1.1</b>	<b>A beleza, a feminilidade e a psicanálise</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMA DE PESQUISA</b> .....	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>21</b>
<b>5.1</b>	<b>Método</b> .....	<b>21</b>
<b>5.2</b>	<b>Instrumento</b> .....	<b>22</b>
<b>5.3</b>	<b>Participantes</b> .....	<b>22</b>
<b>5.4</b>	<b>Procedimentos</b> .....	<b>22</b>
<b>5.5</b>	<b>Questões éticas</b> .....	<b>23</b>
<b>6</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	<b>24</b>
<b>7</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>38</b>
<b>7.1</b>	<b>Eixo temático 1: A relação com a auto-imagem e a (in)satisfação com o peso</b> .....	<b>38</b>
<b>7.2</b>	<b>Eixo temático 2: Estética, Envelhecimento e Cirurgias Plásticas</b> .....	<b>40</b>
<b>7.3</b>	<b>Eixo temático 3: Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza</b> .....	<b>44</b>
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O livro “Mito da Beleza” de Naomi Wolf, lançado em 1991, é uma obra expressiva e importante no que diz respeito às discussões de gênero, pois seu recorte nas questões da beleza torna o assunto atual e necessário. Wolf (1991/2020) trabalha as diferentes maneiras de como o corpo é usado contra as mulheres, sendo elas coagidas a atingir e atender aos padrões de beleza que são ditados a cada nova era. Ao discutir sobre padrões de beleza, a autora também realiza um debate interseccional sobre gênero, classe social, geração e sexualidade. Naomi Wolf (1991/2020) provoca, em oito capítulos, reflexões sobre as implicações dos padrões de beleza no controle dos corpos femininos, esmiuçando, em cada um deles, a causa e consequência em cada etapa da vida das mulheres.

Atualmente, é comum ouvir e ler sobre os prejuízos dos exageros em cirurgias plásticas, dietas rigorosas e os transtornos alimentares. Com o advento das redes sociais como *Instagram* e *TikTok* (CERIBELLI & NOGUEIRA, 2022), surgiu uma profissão denominada *influencers*, que são pessoas que, através de imagens e vídeos, buscam influenciar o consumo de algum produto, rotina e estilo de vida. Comumente essas pessoas se encaixam e reforçam um ideal corporal e criam a ideia de que aquele corpo tem acesso a uma vida perfeita, farta de alegrias, amores e dinheiro (PEREZ, 2012; CERIBELLI & NOGUEIRA, 2022). Apesar de existir alguns *influencers* que utilizam destas plataformas como ferramentas para desmistificar falácias em torno da obsessão por um tipo de corpo midiático, estas mesmas plataformas incitam, através dos algoritmos, (RAMOS, 2017) a repetições de conteúdos que acabam reforçando estereótipos de corpos que existem e que são vistos, gerando estranhamento do espectador em observar seu próprio corpo e não reconhecer nele nada com as imagens que visualiza todos os dias (NASCIMENTO & SILVA, 2014).

Desde muito novas, as mulheres se deparam com um elogio que aparece como uma qualidade quase que obrigatória: ser bela. É muito comum escutar elogios associados à aparência física, como por exemplo: “você é linda/bonita”, do que sobre alguma habilidade. E quando questionadas sobre o que querem ser quando crescer, a resposta mais comum é: ser modelo. As mulheres são ensinadas que devem valorizar o corpo e serem, assim, belas (CERIBELLI & NOGUEIRA, 2022).

Mas afinal, o que é beleza? A beleza nada mais é do que um acordo social que atende aos interesses da indústria/classe dominante. Na revista *OBVIOUS*, a jornalista Grazielle Lima em seu texto “Afinal, o que é ser belo?”, em 2016, realiza um apanhado histórico sobre as diferentes concepções de beleza:

Na idade média, a aparência não era importante por ser considerada pecaminosa, o foco eram as características morais. A mulher devota, de alma pura, casta, com lábios pequenos e cabelos louros eram belas. Homens tinham que ter poder. No renascimento a gordura entrava como ideal de beleza e representava o poder aquisitivo da pessoa para comprar alimentos. Para homens e mulheres, ter braços e quadris avantajados era sinal de riqueza. Cabelos longos e barriga aparente eram o ideal para elas. Na época barroca, elegância era sinônimo de beleza, assim como roupas refinadas. (LIMA, 2016, p. 2)

Neste trecho, podemos observar que a beleza é uma concepção muito abstrata, que muda de tempos em tempos, mas sempre imposta e associada ao feminino. De acordo com Novaes (2005), a beleza e a feminilidade são sinônimos no imaginário social, logo, para uma mulher ser considerada feminina, ela deve possuir a beleza, ou pelo menos demonstrar esforço em possuí-la.

Rita Von Hunty (2019), em um vídeo para a plataforma do *Youtube*, “Rita em 5 minutos: Padrão de Beleza”, explica que a beleza, na Grécia antiga, era uma característica dada a um objeto. Logo, o sujeito feminino deveria ser belo, pois como objeto tem de possuir características que dê a ele algum valor. E para além da beleza, a funcionalidade feminina também está associada a sua capacidade reprodutiva, sendo a beleza um atributo a agregar à prole. Sobre esse aspecto, a psicanálise traz a sua contribuição.

### **1.1 A beleza, a feminilidade e a psicanálise**

No artigo “Feminilidade não toda: uma revisão sistemática de literatura”, as autoras Verceze e Cordero (2019), realizaram uma revisão sobre artigos psicanalíticos que fazem análise dos discursos freudianos e lacanianos sobre o feminino e a feminilidade. Em síntese, relatam que para Freud, a mulher ao desejar ter um falo, busca uma saída para sua angústia de castração através de um substituto, que de acordo com o autor, seria ter um filho.

Freud foi um dos primeiros estudiosos a se perguntar sobre a questão da sexualidade feminina. No início de seus estudos, via o Complexo de Édipo como questão central da sexualidade, aquele que definiria tanto a masculinidade quanto a feminilidade. Isto é, Freud enfatizava a função fálica como organizadora da sexualidade feminina, na medida em que só pelo desejo de ter o falo se processaria o acesso à feminilidade. Esse acesso, no entanto, só se concretizaria caso esse desejo fosse substituído pelo desejo de ter um filho. Assim, os conceitos de feminilidade e maternidade se confundem. (VERCEZE & CORDEIRO, 2019, p. 159)

Maria Rita Kehl realiza uma observação importante sobre a hipótese de Freud a respeito do acesso à mulher a feminilidade através da maternidade, expondo que a associação entre feminino e maternidade é uma limitação geracional da época de Freud e que, apesar de ter

revolucionado ao se debruçar e pensar sobre a sexualidade feminina, manteve preso a lógica biologicista, onde a mulher ao ter um filho, poderia ter um falo e, assim, resolver a questão da castração. A maternidade seria, para Freud, o significante máximo da feminilidade, tal qual o falo para a masculinidade (VERCEZE & CORDEIRO, 2019).

A partir disso, Lacan argumenta que o feminino está para além desse ser que busca o falo através de um filho. Para o autor, o falo é um significante específico da sexualidade, que seria um traço identificatório comum a todos os sujeitos inscritos em algum significante como, por exemplo, o masculino e o feminino. No entanto, a mulher não é toda inscrita na função fálica, ou seja, não existe um significante que represente a sexualidade feminina e, portanto, expõe a sua máxima, “A mulher não existe”, para dizer que não existe um significante que possa dar conta do que é “A mulher” e como alcançar essa feminilidade. Isso, por sua vez, faz com que os sujeitos femininos busquem, inicialmente, referências da feminilidade na mãe, especificamente no olhar da mãe, pois esse olhar dá contorno ao corpo da filha, mas não resolve, levando cada mulher a buscar seus significantes para apoiar a sua feminilidade. (ibid, 2019).

Serge André (1998), partindo do referencial lacaniano, ressalta que a pergunta freudiana sobre “o que quer a mulher” já apontava que a subjetividade feminina, o desejo feminino, não se restringia a ter o falo. Ao realizar uma releitura do autor, Bonfim e Vidal (2009), afirmam:

Entretanto, é possível pensar que, quando Freud postula a questão “O que quer ‘a’ mulher?” - modificada a partir da perspectiva lacaniana para: “O que quer ‘uma’ mulher?” (ANDRÉ, 1998), é como se afirmasse indiretamente nesta pergunta que o desejo feminino vai além do ter o falo, senão ela estaria solucionada. Há um algo mais, e aí está o enigma. Contudo, não há como negar os comprometimentos de suas teorizações ao postular que a constituição feminina passa por querer ter um filho. Com Lacan, sabemos que o desejo da mulher não se reduz a ser mãe. Entre a mulher e a mãe há uma hiância. Dificilmente um filho pode estar neste lugar de saturar o desejo e, quando está, é uma situação problemática (BONFIM & VIDAL, 2009, p. 551).

No campo das teorias feministas, Simone de Beauvoir (1967) afirma: “não se nasce mulher, torna-se”. Sendo um “ser mulher” um processo e não algo natural e instintivo tal como apontou Beauvoir, voltando ao campo da psicanálise, nota-se que Freud, a partir de suas teorizações sobre a sexualidade feminina e a feminilidade, salienta que a constituição da feminilidade passa pelo afastamento da mãe: “afastar-se da mãe, na menina, é um passo que se acompanha de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio. Um ódio dessa espécie pode tornar-se muito influente e durar toda a vida” (FREUD, 1933/2018, p. 325). A menina afasta-se da mãe, rivaliza com ela o amor do pai na tentativa de ter o falo. Na vida adulta, estará revivendo esse Édipo, buscando o falo.

Freud (1924/1996) distingue a dissolução do complexo de Édipo entre o menino e a menina, dizendo que enquanto o menino sai do Édipo a partir do complexo de castração, ou seja, através da angústia e medo de perder o pênis, representante do falo; a menina entra no Édipo a partir do complexo de castração. A visão do pênis no menino causa na menina uma sensação de inferioridade, com um sentimento de inveja do pênis, fazendo com que ela volte ao pai na tentativa de suplantar essa falta. Sendo assim, a menina dissolve o Édipo desejando ter um filho do pai, como substituto do pênis. A menina abandona a mãe como objeto de amor ao mesmo em que se identifica com ela.

Em “Feminilidade”, Freud (1933/2018) nos diz, então, que uma das saídas ao alcance da feminilidade seria pela via da substituição simbólica da mãe para o pai, dirigindo o seu desejo à obtenção de um filho do pai. A maternidade seria uma das formas de reviver esse Édipo, de adquirir o falo com a obtenção de um filho. Lacan, como foi dito, vai além disso quando ressalta que o ser mulher, a feminilidade, passa por conceber que a posição feminina, é alcançada em sua posição em relação ao falo e não necessariamente ao filho e ao amor do pai (SILVA & FOLBERG, 2008, p. 57).

Retomando a leitura de Lacan sobre o complexo de Édipo, este se estrutura em três tempos, onde o que é determinante é a relação do sujeito com o falo. Trata-se da dialética o SER e do TER. No primeiro tempo, na etapa pré-edípica, o desejo da criança é o desejo da mãe. É o instante em que a criança É o falo da mãe. A criança se constitui, assim, pelo desejo da mãe, o Outro primordial. No segundo tempo, o pai aparece para interditar essa relação simbiótica que a criança tem com a mãe, privando a mãe e a criança, entrando no meio da relação mãe-criança como um terceiro (LACAN, 1958/1998). No segundo tempo, a criança deixa de ocupar o lugar antes ocupado, como falo da mãe:

No segundo tempo do Édipo (...) o pai intervém como privador da mãe em duplo sentido, enquanto priva a criança do seu objeto de desejo e enquanto priva a mãe de seu objeto fálico. E ele, o pai, vai aparecer mediado no discurso materno (SILVA; REY, 2011, p. 560).

Já no terceiro e último tempo, a criança entra no regime do TER o falo, pois o pai surge como uma figura que TEM o falo e pode dar à mãe: “Nessa saída edípica, conforme Valdivia, a menina irá reconhecer o homem como aquele que detém o falo: “ela sabe onde está, onde deve ir buscá-lo (...) isto é, ao lado do pai, aquele que o possui” (SILVA & REY, 2011, p. 560). As autoras afirmam ainda que a feminilidade é sempre mascarada na medida em que a posição feminina estaria relacionada com o não-todo em relação à castração (ibid, 2011). Nessa perspectiva:

Enfim, pode-se afirmar que os ideais femininos, como a maternidade que anteriormente constituía o objetivo exclusivo da existência da mulher, foram se modificando com as transformações históricas e socioculturais. Assim, nessa nova ordem social, passou a se atribuir valor à imagem, o que está relacionado a uma das possíveis formas de estruturação da feminilidade, que é a captura do olhar do outro. Portanto, promoveu-se uma mudança da relação da mulher não só com a sociedade mas também consigo própria, com seu corpo, e ela expressa por meio dele suas conquistas de maior liberdade e autonomia (SILVA; REY, 2011, p. 561).

Neste sentido, vemos que a feminilidade, de acordo com Lacan a partir de Freud, caracteriza-se pela sua posição em relação ao falo. E seguindo essa lógica, as mulheres estão sempre sendo convocadas a algum lugar que venha dar contorno ao vazio; a esse “continente negro” do que é o feminino e, por conta disso, buscar uma posição do falo que a coloque como objeto de desejo.

O corpo, então, torna-se instrumento das mulheres para o “gozo além do falo”, corpo ferramenta para dar vazão às tentativas de significação. Uma das saídas para resolver a castração é pela maternidade, amor e, como propõe a discussão deste trabalho, pela beleza, por onde a mulher busca ser o falo, alienando-se ao olhar do Outro<sup>1</sup> (VERCEZE; CORDEIRO, 2019).

No Brasil, percebe-se valorização das curvas e da magreza como características da beleza feminina, tanto que as cirurgias plásticas mais realizadas são: Lipoaspiração, Mamoplastia, Abdominoplastia, Rinoplastia, Ritidoplastia. Procedimentos que buscam diminuir medidas, colocar curvas “no lugar certo” e apagar os sinais do envelhecimento caracterizando, assim, como uma mulher deve ser para ser considerada bela. (BENEVIDES, 2020). Desta forma, ser bela exige atender certos requisitos, que demandam muito tempo e dinheiro, além de um sacrifício individual enorme, como passar pelas cirurgias plásticas, restringir a alimentação com dietas, estar constantemente na academia, no salão de beleza e utilizar dos melhores cosméticos disponíveis no mercado (RIBEIRO, 2016). As mulheres consomem tudo o que promete afastar os quilos, as rugas, a flacidez, tudo que possa esconder ou apagar a imperfeição de ser, tampar a falta (PIMENTEL, 2008).

O “Mito da Beleza” (WOLF, 1991/2020) coloca em exaustão o corpo e a mente das mulheres, os padrões de beleza agem como uma ferramenta de coerção social, que conforme as mulheres iam exigindo seus direitos e tentado acesso ao poder, as estruturas sociais, sob viés da cultura patriarcal, cobrava das mulheres uma aparência ideal, fazendo-as crer que só poderiam acessar de fato os espaços, se trajassem beleza. “À medida que as mulheres iam

---

<sup>1</sup> Termo introduzido pela teoria psicanalítica lacaniana para se referir ao discurso social e linguageiro no qual o inconsciente se estrutura. Trata-se do lugar onde se desenrola o deslizamento de significantes que se combinam a fim de produzir uma significação. Dito de outra maneira, o sujeito, a subjetividade se produz dessa combinação de significantes advindos desse Outro social (LACAN, 1964/1998).

exigindo acesso ao poder, a estrutura do poder recorreu ao mito da beleza para prejudicar, sob o aspecto material, o progresso das mulheres” (WOLF, 1992/2020, p.39).

A justificativa do porquê as mulheres se sujeitam a atingir esses ideais de beleza e perfeição corporal centra-se principalmente nas mídias sociais, ferramenta de maior controle social e promotor de demandas incessantes (RIBEIRO, 2016), uma vez que vendem a ideia que, ao possuir a beleza, a mulher passa existir no mundo. Naomi Wolf (1991/2020) confirma essa relação de beleza e possibilidade de existir e ser no mundo nos capítulos em que discute a beleza vinculada ao trabalho e a cultura.

A autora revela as situações nas quais a beleza se torna um critério de contratação em uma empresa, além de ser uma moeda de troca nas relações amorosas. Portanto, culturalmente, a beleza foi se associando à possibilidade, seja de ascensão profissional, seja de ser vista ou de ser amada (PEREZ, 2012). Para manter e atingir esses ideais de beleza a mulher passou a utilizar de todos recursos possíveis, a ponto de serem acometidas pelas doenças da beleza, nome dado pelas pesquisadoras (RIBEIRO, 2016, NOVAES, 2005) da PUC-Rio aos transtornos alimentares. Ribeiro (2016) expõe a relação da mídia na contribuição da insatisfação corporal feminina:

(...) nos tempos atuais, a mídia é uma das instâncias sociais que ainda dissemina essa ideia, com propagandas em que mulheres exibem seus corpos dentro dos padrões hegemônicos de beleza, sendo usadas como objeto para satisfazer a sexualidade masculina. Assim, existem diversos fatores presentes na contemporaneidade que implicam em questões que podem envolver o sofrimento psíquico. A perpetuação dessa cultura, que gera insatisfação com a aparência física, acarreta, muitas vezes, complicações em relação à autoestima, sendo prejudicial à saúde física e mental dos indivíduos, ocasionando, assim, a incidência das doenças da beleza, doenças relacionadas à percepção da autoimagem, associadas à aparência física (...) A mídia convence que as pessoas belas, com corpos perfeitos, terão sucesso no amor e nos negócios. Trata-se de uma promessa sobre um ganho narcísico. A beleza torna-se encobridora da falta em uma franca recusa da castração (RIBEIRO, 2016, p. 9).

Ou seja, para ter um corpo “perfeito”, os sujeitos ultrapassam as amarras do tempo, demonstrando estar para além da morte e, conseqüentemente, escapando da angústia de castração (PIMENTEL, 2008). Por isso é completamente suportável toda dor e sofrimento para atingir um ideal corporal.

Para Foucault (1998, apud CORRÊA, 2013), o corpo é um mecanismo utilizado para controle social, sendo responsável por constituir subjetividade em meio às relações e vida em sociedade. O corpo, nesse sentido, é palco do inconsciente e também da linguagem em sociedade (RIBEIRO, 2016). A existência de um padrão de beleza, nesse sentido, é o meio de controle dos corpos.

As mídias sociais, nesse contexto, têm papel importante na manutenção do controle dos corpos femininos e na constituição psíquica dos sujeitos. Ao expor constantemente pessoas bem-sucedidas, com milhares de seguidores e uma vida perfeita, cria-se a ideia que ao atingir o corpo perfeito, tudo isso vem como em um combo (RIBEIRO, 2016). Nascimento e Silva (2017), revelam que as mídias funcionam como um grande Outro, que sabe e determina o que a sociedade espera de cada um, alienado assim os desejos àquilo que ela estabelece. (NASCIMENTO; SILVA, 2014, p. 345)

A mídia desenha e exhibe como maneira de afirmar e vender quais os corpos que capturam o olhar do outro, e ocupam o lugar de objeto de desejo. Ao dizer o tipo de corpo, também fornece o produto que garantirá atingir esse corpo, tornando a beleza meritocrática (WOLF, 1991, p. 51).

A imagem da mulher na publicidade e na mídia em geral torna-se um “possível inalcançável”, justamente por haver inúmeros recursos disponíveis para esse alcance. Entretanto, nenhuma chance real de alcance, já que esse corpo não existe a não ser imaginariamente, na fantasia e no fetiche social (NASCIMENTO; SILVA, 2014, p.355)

Portanto, para atender essa demanda do grande Outro e se perceber como sujeito dentro da feminilidade, as mulheres se submetem a tudo (NASCIMENTO & SILVA, 2014). Afinal, não existe corte, fome que gere dor maior que a angústia de não pertencimento e impossibilidade de ser amada (DUPIM; BESSET, 2011).

Dito isso, percebe-se a necessidade de se debruçar sobre esse tema. Nos artigos encontrados, observa-se que existem diversas relações do padrão de beleza com os transtornos alimentares, no entanto, permanece o questionamento sobre as consequências psíquicas desta exagerada valorização e vigilância do corpo feminino, especialmente se atentarmos para as assertivas de Wolf (1991/2020) e de Foucault (1998 apud CORRÊA, 2013), que apontam sobre a pressão dos “vigilantes do peso” que se intensifica ao somar com as pressões culturais e institucionais (WOLF, 1991/2020,p.184)

O debate sobre beleza e sua imposição às mulheres, ganha um destaque com a publicação do livro de Naomi Wolf (1991/2020), principal referência deste trabalho. Pela relevância que se observa nas mídias sociais sobre o tema, propõe-se discuti-lo através da literatura feminista entrelaçando com a teoria psicanalítica, buscando compreender os atravessamentos psíquicos implicados sobre as mulheres.

## **2 PROBLEMA DE PESQUISA**

Quais as implicações subjetivas que permeiam as mulheres no que tange à pressão estética oriunda dos padrões de beleza ditados socialmente?

### 3 OBJETIVOS

● **Objetivo Geral:** Investigar as implicações subjetivas que permeiam as mulheres em relação à pressão estética oriunda dos padrões de beleza ditados socialmente.

● **Objetivos específicos:**

- I. Analisar como o padrão de beleza e a pressão estética interferem na subjetividade feminina.
- II. Discutir como a literatura psicanalítica concebe os atravessamentos relacionados às imposições de beleza na subjetividade feminina, na interlocução com os estudos feministas.
- III. Contribuir para o debate da psicologia e da psicanálise relacionado à saúde mental de mulheres.

## 4 JUSTIFICATIVA

Em conversas corriqueiras, observa-se que as mulheres estão constantemente preocupadas com seus corpos e analisando os corpos alheios. Essas situações de vigilância constante também me atravessavam, mas não compreendia o porquê de me sentir tão exigente comigo mesma, sempre questionando por qual motivo a beleza é tão imperativa às mulheres.

No contato que tive com o livro de Naomi Wolf (1991/2020), comecei a compreender as dinâmicas que existem por trás do controle dos corpos e que a beleza é mais uma ferramenta de manipulação (CORRÊA, 2013), além de ser uma maneira de responder a grande questão sobre a feminilidade que, ao capturar o olhar, volta-se a sensação de completude e ameniza a angústia de castração. A psicanálise traz o aspecto de nunca alcançarmos a completude, isto é, sempre existirá falta e isso movimenta os sujeitos. Mas, no momento em que a sociedade passa a construir subjetividades aparelhando as mulheres a atingir um ideal de beleza, colocando em risco seus corpos e vida, faz-se necessário, como uma demanda urgente, debater, estudar e pesquisar de forma a contribuir para a prevenção de agravos e à promoção de saúde mental das mulheres.

A partir disso, surgiu a questão de como a psicologia e a psicanálise se dedicaram em compreender essa relação: beleza x mulher. Após a realização de um levantamento bibliográfico de artigos e monografias que trabalham as questões dos padrões de beleza, observou-se um destaque de publicações no ano de 2016, ano em que ocorreram um grande número de cirurgias plásticas em pessoas de até 18 anos de idade, tornando o Brasil líder de cirurgias plásticas em jovens (LOURENÇO, 2021). Esse dado demonstra o quão importante e necessário é se debruçar sobre esse tema, entendendo que o abuso nos procedimentos estéticos, como as cirurgias plásticas, é um indicativo de como a insatisfação corporal atinge as mulheres brasileiras. As mídias sociais, utilizando algoritmos, mostram em um ritmo absurdo todo o processo das cirurgias plásticas, o antes, o durante e o depois, como a “mágica” acontece e os benefícios que acompanham o resultado final (CAMPOS, FARIA; SARTORI, 2019).

Assusta a quantidade de mulheres com corpos saudáveis realizando procedimentos estéticos que as deixam extremamente fragilizadas e, muitas vezes, levam a morte, como o caso da *influencer* Liliane Amorim (G1- CE, 2021) que era extremamente magra e saudável, mas decidiu realizar uma lipoaspiração e acabou falecendo após ter seu intestino perfurado durante o procedimento. Sua morte gerou muita polêmica e reflexões sobre como as pressões estéticas fazem mulheres verem defeitos em seus corpos e se submeterem ao risco de vida, para estar ainda mais dentro de um padrão de beleza.

Outro fator que demonstra a importância deste tema é a quantidade de transtornos alimentares que são consequências dessas exigências exacerbadas para ter o corpo ideal. As pesquisadoras Novaes (2005) e Ribeiro (2016) fazem parte do grupo “Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social” da PUC-Rio, onde desenvolveram artigos relevantes que evidenciam os impactos das exigências de beleza na saúde mental de mulheres. Entretanto, verificou-se uma escassez de artigos que analisam os efeitos desses padrões de beleza para além dos transtornos alimentares. Isto posto, este estudo visa contribuir com essa discussão já iniciada através dos trabalhos citados, na direção de refletir como a pressão estética interfere na subjetividade feminina, enriquecendo, assim, o debate no campo da clínica psicológica e psicanalítica.

## 5 METODOLOGIA

Este projeto utiliza como base metodológica a pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, que conforme Guerra (2014):

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Assim sendo, temos os seguintes elementos fundamentais em um processo de investigação: 1) a interação entre o objeto de estudo e pesquisador; 2) o registro de dados ou informações coletadas; 3) a interpretação/ explicação do pesquisador (GUERRA, 2014, p. 11).

Como o objetivo deste trabalho é investigar as implicações dos padrões de beleza na subjetividade de mulheres, a pesquisa qualitativa possibilita compreender de forma muito particular e íntima de que forma os imperativos de ser e estar bela afetam as mulheres, considerando as características sócio-culturais do território brasileiro. A pesquisa exploratória busca construir hipóteses, realizar levantamento bibliográfico, entrevistas e comparações entre artigos que abordam o tema (GIL, 2002).

### 5.1 Método

No universo da pesquisa qualitativa e exploratória, serão usados dois métodos, a saber: 1) a pesquisa bibliográfica e 2) a pesquisa de campo. Sobre a pesquisa bibliográfica, Sousa, Oliveira e Alves (2021) afirmam que é a forma de pesquisa que busca atualizar conhecimentos sobre o assunto em questão, gerando hipóteses que conversam com os objetivos da pesquisa qualitativa, que é compreender como os sujeitos concebem atualmente o tema em questão.

A base da pesquisa bibliográfica são os livros, teses, artigos e outros documentos publicados que contribuem na investigação do problema proposto na pesquisa. Não basta realizar uma revisão bibliográfica que não irá contribuir no desenvolvimento, deve conter conhecimentos significativos que colaboram com a evolução do trabalho. Assim, uma pesquisa bibliográfica se resume em procedimentos que devem ser executados pelo pesquisador na busca de obras já estudadas na solução da problemática através do estudo do tema (SOUSA, OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 67).

Considerando estas informações, foi realizada a busca bibliográfica de livros e artigos que abordam as questões da beleza e a subjetividade feminina, utilizando as seguintes descrições: “Padrões de Beleza” AND “Psicanálise” AND “Feminino” AND “Mídias Sociais”.

O material bibliográfico coletado serviu de base para a discussão deste trabalho, considerando as teorias psicanalíticas lacanianas e freudianas, em conjunto com as teorias feministas para discussão e construção deste trabalho. Já a pesquisa de campo permitiu investigar as interpretações de uma determinada comunidade sobre o tema de pesquisa, no caso deste projeto, como as mulheres interpretam as exigências dos padrões de beleza (GIL, 2002).

## **5.2 Instrumento**

Para realização desta pesquisa e indo ao encontro da definição de pesquisa de campo de Gil (2002) que defende que as pesquisas devem ser feitas em contato com a pessoa a ser entrevistada. O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada seguindo um roteiro estabelecido (Apêndice I). De acordo com Boni e Quaresma (2005) a entrevista semiestruturada possui várias vantagens, que contribuíram na realização desta pesquisa, considerando que: "As técnicas de entrevista aberta e semiestruturada também têm como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos" (p. 75), promovendo uma troca mais efetiva entre as partes, de maneira mais espontânea, ao ponto de permitir que a entrevistadora possa tocar em temas mais complexos e delicados (BONI; QUARESMA, 2005)

## **5.3 Participantes**

No que diz respeito ao perfil das participantes, obedeceu-se ao seguinte critério de inclusão: mulheres maiores de 18 anos, nascidas em território brasileiro, com ou sem filhos, independente do estado civil ou orientação sexual. Foram entrevistadas três mulheres na idade de 41, 35 e 25 anos.

## **5.4 Procedimentos**

Foi realizado um convite virtual através da plataforma Instagram, para que as mulheres participassem por demanda espontânea, considerando o desejo delas em discutir sobre este tema. O convite permaneceu em aberto por um mês, considerando o tempo de realização da pesquisa. A entrevista foi realizada através da ferramenta *Google Meet*, compreendendo ser necessário manter o isolamento e distanciamento social por conta da pandemia do coronavírus.

O dia e o horário foram acordados com cada entrevistada. Foram realizadas anotações durante as entrevistas, que duraram aproximadamente 45 minutos cada.

### **5.5 Questões éticas**

Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UFT, para análise e apreciação, tendo Certificado de Apresentação e Apreciação Ética (CAAE 55654322.0.0000.5519) e Número do Parecer 5.381.373. As entrevistas ocorreram após a referida autorização e mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos envolvidos na pesquisa (apêndice II), mantendo o sigilo da identidade do participante. Utilizou-se os seguintes nomes fictícios: Freya, Afrodite e Hathor.

## 6 RESULTADOS

No que diz respeito ao perfil sócio demográfico das participantes, encontra-se na tabela seguir:

Tabela 1 - Perfil Sócio demográfico das participantes

	<b>Participante 1</b>	<b>Participante 2</b>	<b>Participante 3</b>
<b>Nome fictício</b>	Freya	Afrodite	Hathor
<b>Idade</b>	25 anos	41 anos	32 anos
<b>Naturalidade:</b>	Boa Vista - Roraima	Goiânia - Goiás	São Caetano do Sul- São Paulo
<b>Residente em</b>	Goiânia-Goiás	Goiânia- Goiás	Miracema do Tocantins - Tocantins
<b>Gênero</b>	Feminino	Feminino	Feminino
<b>Orientação sexual</b>	Hétero	Hétero	Hétero
<b>Raça/ Etnia e tom de pele</b>	Parda/ Indígena	Branca	Preta- não retinta
<b>Estado Civil</b>	Solteira, mas namorando	Solteira, mas namorando	Solteira
<b>Filhos?</b>	Não	3 filhos	Não
<b>Escolaridade</b>	Ensino Superior Completo	Ensino Superior Completo	Ensino Superior Completo
<b>Como classifica a sua situação económica</b>	Ruim ( ) Mediana (X) Boa ( )	Ruim ( ) Mediana ( X) Boa ( )	Ruim (X) Mediana ( ) Boa ( )

Fonte: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/perfil-sociodemografico>

Abaixo, encontram-se os resultados coletados nas entrevistas acerca da resposta de cada participante em relação à pergunta prevista no roteiro. Ao lado, estão as unidades de registro das respostas acompanhadas do eixo temático correspondente.

Tabela 2 - Respostas às perguntas 1 “Em relação a sua aparência, você se considera atraente?”

Participante	Enxertos	Unidade de registro	Eixo temático 1
Freya	“Sim, gosto da minha boca, do meu cabelo (dependendo do dia) e das curvas do meu corpo”	A relação com auto-imagem	A relação com a auto-imagem e a (in)satisfação com o peso
Afrodite	“Sim, gosto de tudo, do conjunto em geral”	A relação com auto-imagem	A relação com a auto-imagem e a (in)satisfação com o peso
Hathor	<p>“Estou satisfeita com minha aparência. Me considero 50% sim e 50% não, é autossabotagem. Não estou dentro dos padrões de beleza que a sociedade impõe. Os padrões de beleza que a sociedade exige são totalmente diferentes dos meus, é uma pessoa magra, não sou malhada. Branca, cabelos lisos, magra. Me identifico como mulher preta, mas de pele clara. Reconheço meus privilégios, sou preta de pele clara. Eu acho atraente em mim...</p> <p>Eu acho que tenho distorção de imagem, há 6 meses atrás eu emagreci 10 quilos, e não me vejo magra, pra mim não perdi esses 10 quilos, mas na balança eu perdi. Quando vejo fotos e vídeos não está bom, mas no espelho está bom. Hoje não tenho um corpo ideal de corpo, antes eu tinha, eu queria ser magra. Se eu pudesse voltar no tempo eu não ficava encanada com meu corpo. Eu tinha um peso que a sociedade aceitava. Eu achava que estava desproporcional. Então eu fazia regimes doidos, hoje eu não me importo mais com isso. Hoje eu quero sair, entrar na academia pela saúde. Antes eu fazia exercícios para emagrecer, ficava muito tempo sem</p>	A relação com auto-imagem	A relação com a auto-imagem e a (in)satisfação com o peso

	comer, e quando ia comer comia muito. Fui parar no hospital, por conta dessas dietas malucas, fazia todas as dietas que via na internet. Tenho gastrite por conta dessas dietas malucas. Eu gosto da minha boca, cabelo, do meu nariz, nunca vou mexer no meu nariz, da minha bunda, apesar de não está lá essas coisas, mas eu gosto, hoje eu gosto de muita coisa em mim que antigamente eu não gostava”		
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 3 - Respostas à pergunta 2 “Como você está em relação ao seu peso?”

Participante	Enxertos	Unidade de registro	Eixo temático 1
Freya	“Ultimamente me sinto insatisfeita, gostaria de emagrecer uns 10 quilos para ficar satisfeita, para que eu me sinta bem com meu próprio corpo”	(in)satisfação com o peso	A relação com a auto-imagem e a (in)satisfação com o peso
Afrodite	“Estou gordinha, sobrepeso. Acho que tenho que fazer exercícios, sei que é relacionado a questão da idade que o metabolismo fica mais lento. Mas é tranquilo para mim. Quero fazer exercícios por questão de saúde, envelhecer bem, a estética vem como complementar. Me sinto bem em relação a envelhecer, porque eu tenho o seguinte pensamento, se não quiser ficar velho tem que morrer cedo, eu não quero morrer, curtir tudo que a velhice traz, as ruguinhas. Sei que a velhice traz coisas boas e dificuldades. Dificuldades motoras, locomoção. O corpo vai ficando decadente, precisa movimentar, o equilíbrio piora. Então tem que se movimentar!”	(in)satisfação com o peso	A relação com a auto-imagem e a (in)satisfação com o peso
Hathor	“Não me sinto mal, na maior parte do tempo eu estou bem em relação a isso.”	(in)satisfação com o peso	A relação com a auto-imagem e a

			(in)satisfação com o peso
--	--	--	---------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 4 - Respostas às perguntas 3 “Quais procedimentos estéticos realiza e com qual frequência?”

Participante	Enxertos	Unidade de registro	Eixo temático 2
Freya	“Não realizo, as vezes faço skin care, sobrancelha, depilação e unhas. Vou no salão arrumar o cabelo de três em três meses, e às vezes faço depilação e unhas no salão também. Eu faço skin care, todo dia. Se tivesse mais dinheiro faria mais procedimentos estéticos e iria no salão mais vezes, eu faço hidratação no cabelo em casa.”	Estética	Estética, Envelhecimento e Cirurgias Plásticas
Afrodite	“Já realizei, hoje não. Coloquei silicone e já fiz um botox na testa. Faço as unhas, sobrancelhas. Não tem regularidade, quando sobra tempo. Há quase 10 anos que fiz silicone e o botox tem uns 3 anos. Botox foi por curiosidade, me incomoda, mas não incomoda muito, penso em neutralizar uma ruguinha, mas passa, não fico na noia não”.	Estética e Cirurgias Plásticas	Estética, Envelhecimento e Cirurgias Plásticas
Hathor	“Skin care, unha, cabelo, eu mesmo faço, não saio para fazer. Eu mesma faço. Maquiagem. Agora está sendo mais, cai em si que tenho mais de trinta anos, preciso cuidar da minha cara. Tenho medo do envelhecer, não por causa da aparência, mas terei menos oportunidades, de fazer alguma coisa do que estou tendo agora, não que eu tenha, mas fica mais dificultoso.O	Estética e Envelhecimento	Estética, Envelhecimento e Cirurgias Plásticas

	acesso, a sociedade excluí. Ao mesmo tempo que tenho medo de envelhecer, eu acho lindo, porquê tive o privilégio de viver por muitos anos, tem gente que morre cedo. Mas a sociedade exclui, como se não tivesse mais serventia”.		
--	---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 5 - Respostas às perguntas 4 “Usa algum cosmético na sua rotina, quais?”

Participante	Enxertos	Unidade de registro	Eixo temático 2
Freya	“Produtos de Skin Care, hidratantes, sabonetes, produtos para hidratação no cabelo e só”	Estética	Estética, Envelhecimento e Cirurgias Plásticas
Afrodite	“Uso creme de pele, eu tenho dificuldade de colocar o skin care na rotina, já comprei os produtos mas esqueço de fazer. Acordo atrasada, ou durmo sem lembrar de fazer”.	Estética	Estética, Envelhecimento e Cirurgias Plásticas
Hathor	“Hidratante, protetor, sabonetes e maquiagens”.	Estética	Estética, Envelhecimento e Cirurgias Plásticas

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 6 - Respostas às perguntas 5 “Como é a sua relação com seu corpo, tem alguma queixa ou insatisfação?”

Participante	Enxertos	Unidade de registro	Eixo temático 3
Freya	“Eu gosto do meu corpo, me aceito, quando era mais nova me achava feia, hoje já me aceito mais”	Relacionamento com o próprio corpo	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza

Afrodite	“Não, meu corpo é tudo tranquilo”	Relacionamento com o próprio corpo	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza
Hathor	“Hoje não mudaria nada, eu senti que meus seios caíram, mas não tenho vergonha de ficar nua na frente dos outros. Eu acho que porque emagreci. Queria fazer tatuagem. Antes eu queria colocar silicone, para meus seios ficarem durinhos toda vida, mas descobri que tem a doença do silicone, que as próprias mulheres são as cobaias, depois que descobri isso eu desisti da ideia, porque afeta o sistema nervoso e o psicológico”	Relacionamento com o próprio corpo	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 7 - Respostas às perguntas 6 “Você tem vontade ou já realizou algum procedimento estético, quais?”

Participante	Enxertos	Unidade de registro	Eixo temático 2
Freya	“Sim, bichectomia, tirar excesso de buchecha, micropigmentação para mudar a cor dos lábios e lashlifting. Se tivesse dinheiro iria colocar silicone, mas somente quando for mais velha, está tudo em pé, não tem necessidade ainda não. Antigamente pensava em mudar o nariz, mas hoje em dia gosto dele, tenho medo de ficar esquisita, estilo a Anitta, tem gente que exagera nas cirurgias plásticas e fica esquisita. Espero ter condições financeiras para ficar realizando peeling e botox para prevenção, conseguir manter-se enxuta enquanto envelheço. Quero comprar produtos melhores, tenho uns baratos mas não são tão bons, vou	Cirurgias Plásticas e Envelhecimento	Estética, Envelhecimento e Cirurgias Plásticas

	<p>investir em produtos melhores é um dinheiro bem gasto.</p> <p>Eu quero vivenciar cada fase da vida, gosto de observar as mudanças do meu corpo. Quero ter filhos, sei que meu corpo vai mudar e estou ansiosa para vivenciar essas mudanças, quero saber se vou conseguir envelhecer bem, se vou ficar enxuta, se as skin cares se as skincare vão fazer efeito, se as cervejas que estou deixando de beber vão fazer efeito, tenho uma genética boa, por ter sangue indígena meus familiares envelhecem bem, estão enxutos, com a pele boa, o sangue indígena contribui para não envelhecer tão rápido.”</p>		
Afrodite	<p>“Faria, uma lipo, mas não é urgente. Pensamento que vem e vai embora. Não fico obcecada com isso, mas faria.”</p>	<p>Cirurgias Plásticas</p>	<p>Estética, Envelhecimento e Cirurgias Plásticas</p>
Hathor	<p>“Tenho vontade, sempre tive olheiras e linhas de expressão nos olhos. Quero fazer o procedimento, mas não sou encanada com isso não, se o dinheiro sobrar, se aparecer a oportunidade eu faço. Tenho vontade de fazer limpezas de pele profissional, ficar com a pele de bumbum de neném, massagens, essas coisas mais relaxantes. Nada de modificar.”</p>	<p>Cirurgias Plásticas</p>	<p>Estética, Envelhecimento e Cirurgias Plásticas</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 8 - Respostas às perguntas 7 “O que é um corpo ideal?”

Participante	Enxertos	Unidade de registro	Eixo temático 3
--------------	----------	---------------------	-----------------

Freya	“Um corpo que faz sentido, bem feito. Uma pessoa que começa bonita no pé. Meu próprio corpo é ideal, só que eu só preciso emagrecer um pouco, mesmo quando estava mais magra achava que precisava emagrecer mais, a gente não consegue perceber, sempre acha que falta alguma coisa.”	Relacionamento com o próprio corpo e Ideais de Beleza	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza
Afrodite	“Ideal é um corpo saudável. E um corpo bonito é um corpo que não sobra muito, está cabendo onde está. Corpo dentro das medidas, tem que estar bem, bem vestida, dentro da roupa. Não colocar um 42 em um 38. Considero a Paola Oliveira com um corpo ideal, não é porque é musculosa, é porque ela é natural.”	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza
Hathor	“Um corpo que tem saúde.”	Relacionamento com o próprio corpo	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 9 - Respostas às perguntas 8 “Já reparou em como as pessoas à sua volta lidam com o corpo?”

Participante	Enxertos	Unidade de registro	Eixo temático 3
Freya	“Já. Existem pessoas que se preocupam, que realizam procedimentos preventivos, se preocupam em ter uma alimentação balanceada, comem menos. Aprendi a fazer os cuidados com o rosto com minha avó, que fazia todos os dias, vi que ela envelheceu bem, quero envelhecer igual a ela. As pessoas que não se preocupam tanto são aquelas que já são bonitas naturalmente, que não precisam fazer nada pra ficarem mais bonitas, tipo a	Relacionamento com o próprio corpo e Ideais de Beleza	Relacionament o com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza

	<p>Amber Heard, eu acho que ela só faz uns procedimentos preventivos mesmo, tipo um peeling para retardar o envelhecimento. Eu acho a Alessandra Negrini é bonita, é uma beleza comum, não é um padrão, mas é bonita. E é uma pessoa bonita comum ,não é padrão,parece não ter alterado nada em seu corpo.</p> <p>A beleza padrão é ter cabelo liso, independente da cor, ser branca, magra, cintura fina, alta mas não tanto, uns 1,65 e nariz fino. “</p>		
Afrodite	<p>“Já, vejo que as pessoas têm muita dificuldade. As pessoas querem ter um corpo que não tem, e sofrem por causa disso. Por exemplo, querem ser magras mas gostam de comer e não querem fazer exercícios.”</p>	Relacionamento com o próprio corpo e Ideais de Beleza	Relacionament o com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza
Hathor	<p>“Já, muito, dá vontade de problematizar, observo que as mulheres estão sempre insatisfeitas. Ou tem demais, ou tem menos. Da vontade de falar “ se olha com empatia”, “eu era assim, sai dessa noia”. Se a pessoa que está ao seu lado está com problema com seu corpo, o problema é da pessoa.Temos que estar mais preocupados com nossa saúde para não ficar refém dos remédios. Trabalho em uma farmácia e 70 % do público são mulheres e que vão lá atrás de remédios para emagrecer, cintas modeladoras, chás, e a idade varia de 19 até 49 anos, tem mulheres se exigindo demais. Eu sei sobre isso, porque tive acesso a esse conhecimento, mas a maioria não. Tem sabonete para tudo, a indústria dos cosméticos produz muitas coisas para as mulheres porque ela é a maior consumidora, querem esmalte de cada</p>	Mídia e Ideais de Beleza	Relacionament o com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza

	<p>cor. Creme para cada parte do corpo, muita cobrança para as mulheres. As pessoas que estão fora do padrão estão tomando espaço legal, lento, pois a mídia não valoriza quem está fora do padrão. Mas a mídia é a principal influência para as mulheres ficarem insatisfeitas com seus corpos, na época em que eu estava encanada eu seguia mulheres irreais, eu cheguei a seguir uma mulher que trabalhava com treinos, eu seguia os treinos dela, mas não ficava com aquele corpo, eu não chegava no nível dela, ela tinha uma equipe e financeiro para fazer aquele corpo e eu não.. Eu abria as redes sociais e ficava triste, na pandemia eu comecei a seguir mulheres parecidas comigo.</p> <p>A maioria das mulheres não têm a noção de que tudo na rede social pode ser fake, não é o que vive nem 1%, e fica adoecida, triste porque nossa vida não é tão boa assim. Fui deixando de seguir e fiquei menos encanada com meu corpo. Há alguns anos atrás se fosse fazer essa entrevista você iria falar ‘mulher vai se tratar’, me baseava em mulheres que não tem nada a ver comigo. A gente quer ter o corpo, o cabelo, a aparência da mulher da rede social.”</p>		
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 10 - Respostas às perguntas 9 “Já reparou em alguma situação em que o corpo contribuiu de alguma forma para uma relação social, seja positiva ou negativa?”

Participante	Enxertos	Unidade de registro	Eixo temático 3
Freya	“Sim, no meu primeiro emprego, eu consegui por mérito próprio. Mas sei que por estar mais arrumada foi um diferencial, tinha umas 10 pessoas e ao chegar no local reparei que era a	Relacionamento com o próprio corpo e Ideais de Beleza	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza

	<p>mais bonita, a mais bem vestida, com a pele o cabelo mais bem cuidados. Não sei dizer se foi por sua beleza ou presença que consegui vaga, mas a beleza facilitou.”</p>		
Afrodite	<p>“Sempre contribui. A beleza abre portas, um diferencial. As pessoas gostam de estar perto do que é belo. O feio causa repulsa. O feio está fora do padrão. E o padrão é magro, corpo magro é mais aceito.”</p>	Ideais de Beleza	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza
Hathor	<p>“Contribui demais, não sou uma pessoa totalmente segura, minha fraqueza, assim que tiver oportunidade de fazer terapia por isso eu vou fazer. Eu sei que sou uma pessoa bonita, divertida, agradável, inteligente, sou mais do que meu corpo e meu corpo é só um corpo, não me define. Mas na maioria das vezes que vou me relacionar com um homem eu sinto que meu corpo é o fator principal se o cara vai querer ficar comigo ou não, se vai me assumir ou não. Pode ser uma coisa da minha cabeça, pode ser verdade, mas várias vezes eu me relacionei com caras que não me assumiram por causa do meu corpo. Eu fico triste, mas depois eu falo “ ah se não quer, não tem problema”. Somos seres carentes, queremos ter alguém, então isso pesa, chega um momento que queremos ter alguém. Já aconteceu de chegar e falar que não queriam um relacionamento, mas passava uns 3 meses e assumia um relacionamento com uma pessoa totalmente diferente de mim, magra e tals. Eles ficavam comigo, mas ficavam escondidos.</p>	Relacionamento com o próprio corpo e Ideais de Beleza	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza

	<p>Eu peço desculpas todos os dias para mim, para meu corpo, porque hoje ocupo espaços onde me empodero, não me intimido ‘a mais porque você está muito acima do peso’ hoje eu sei me defender, eu acho importante postar uma foto de biquíni, para mostrar para as outras pessoas que elas podem vestir um biquíni independente do corpo. Vai ser positivo para outras mulheres, influenciar positivamente outras mulheres, já recebi feedback positivos várias vezes.”</p>		
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 11 - Respostas às perguntas 10 “Como você se sente ao expor seu corpo?”

Participante	Enxertos	Unidade de registro	Eixo temático 3
Freya	<p>“Antigamente eu me sentia mal, mas hoje em dia consigo me aceitar, estou mais confortável com meu próprio corpo, mesmo estando acima do peso. Conforme envelhecemos vamos fortalecendo e tendo mais consciência do EU, começamos a saber nos defender.</p> <p>As mídias mentem demais, tudo ali está alterado, eu sei fazer essas alterações, sempre tem um ângulo certo, um filtro, eu sei perceber quando é editada, porque eu edito as minhas, então nada ali é real. Não existe corpo perfeito nem as pessoas que vivem na academia sentem-se completas com seu corpo.</p> <p>Tem dias que eu me sinto confortável e tem dias que não, é mais uma coisa da cabeça. O estar confortável não está no corpo em si e sim em como você se sente com seu corpo. Sempre compro roupa nova, as roupas novas me ajudam a me sentir bem com meu próprio corpo. A roupa quando cai bem ajuda</p>	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza

	<p>demais a melhorar minha autoestima. Preciso me policiar para não querer toda hora comprar uma roupa nova. Gosto de ter os traços indígenas, mas quando era mais nova não gostava não me sentia bem, não via ninguém da minha cor aqui em <i>Avalon</i>, eram todos brancos e só eu com traços indígenas, não me sentia bonita, quando voltei para <i>Atlântida</i> e vi algumas pessoas com os traços parecidos com os meus me percebi padrão, que era bonita. Isso me ajudou a me aceitar mais e me sentir bonita. “</p>		
Afrodite	<p>“Tranquilo. Praias, não tenho problema de usar biquíni. Não gosto de usar roupa curta. Mas estou bem com meu corpo.</p> <p>A gestação na adolescência é complicada, fui mãe aos 17 ,20 e 21. A gestação em relação a beleza. A mulher é bela, mas durante a gestação ela fica invisível aos olhos de outros, dos homens. Parece que vira um corpo sagrado, ainda mais pq não estava casada. Desde a primeira gestação já esperava as alterações corporais, e o corpo vai mudando aos poucos, demora, parece que é rápido, mas vamos adaptando. Engordei uns 6 quilos, emagreci por causa do enjoo 3 quilos e depois engordei 9 quilos. Tive parto normal, tudo voltou bem rápido, não sofri muito com cortes na barriga. Depois das gestações o peito caiu, amamenteei né. Eu era muito nova, os seios é uma coisa que chama atenção, mas a cirurgia aconteceu de uma forma muito fácil, peguei um empréstimo, trabalhava em um hospital e conversei com o cirurgião plástico, marquei e fiz; O pós-operatório foi maravilhoso, autoestima ficou lá em cima, usei muito decote. Para mim 18 até 35 é o auge da beleza, depois fica mais sábia do que bela. Toda idade tem sua beleza. Mas esse auge é pela juventude, o novo é muito belo, pele lisinha. Padrão de</p>	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza	Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza

	<p>beleza é unhas grandes, magras, malhadas, cílios, loira, cabelo longo. É o cuidado. O belo é o que salta aos olhos. A beleza é subjetiva, importa só no primeiro contato, primeiro encontro.”</p>		
Hathor	<p>“Me sinto normal, me sinto bonita, atraente, dependendo do ângulo. Quando estava 10 quilos mais gordinha, não estava me sentindo bonita, mas estava passando por um problema com minha mãe e talvez isso tenha contribuído na minha autoestima, não estava me sentindo bonita. Não quis ficar com alguém, talvez por isso engordei, estava muito mal psicologicamente. Foi muito mais mental do que meu corpo. Não me sentia atraente.”</p>	<p>Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza</p>	<p>Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

## 7 DISCUSSÃO

### 7.1 Eixo temático 1: A relação com a auto-imagem e a (in)satisfação com o peso

No eixo temático 1, foram avaliados a percepção das participantes em relação à sua imagem corporal e ao seu peso. De modo geral, quando questionadas se elas se sentiam atraentes, 100% responderam que sim. No entanto, quando interrogadas se estavam satisfeitas com o próprio corpo, a maioria (2 delas) responderam que não, enquanto uma respondeu que sim. De acordo com o relato de Freya, a mesma disse “Ultimamente me sinto insatisfeita, gostaria de emagrecer uns 10 quilos para ficar satisfeita, para que eu me sinta bem com meu próprio corpo”. Já Afrodite, relatou: “estou gordinha, com sobrepeso, acho que tenho que fazer exercícios por questão de saúde, envelhecer bem”. Enquanto isso, Hathor disse: “não me sinto mal na maior parte do tempo. Estou bem em relação a isso”. No entanto, Hathor completou revelando achar ter distorção corporal:

Eu acho que tenho distorção de imagem, há 6 meses eu emagreci 10 quilos, e não me vejo magra, pra mim não perdi esses 10 quilos, mas na balança eu perdi. Quando vejo fotos e vídeos não está bom, mas no espelho está bom. Hoje não tenho um ideal de corpo, antes eu tinha, eu queria ser magra. Se eu pudesse voltar no tempo eu não ficava encanada com meu corpo. Eu tinha um peso que a sociedade aceitava. Eu achava que estava desproporcional. Então eu fazia regimes doidos, hoje eu não me importo mais com isso. Hoje eu quero sair, entrar na academia pela saúde. Antes eu fazia exercícios para emagrecer, ficava muito tempo sem comer, e quando ia comer comia muito. Fui parar no hospital, por conta dessas dietas malucas, fazia todas as dietas que via na internet. Consequência: tenho gastrite por conta dessas dietas malucas.

Segundo Wolf (1991/2020), a insatisfação corporal feminina é um dos mecanismos de coerção social imposta às mulheres, que são constantemente influenciadas a acreditar que seu peso é um fator determinante para poder participar da sociedade como um sujeito, sendo através do corpo, então, a maneira de provar seu valor. A fala das participantes corrobora com Wolf (1991/2020), pois é possível observar que, mesmo se considerando atraente, as mulheres ainda assim acreditam precisar emagrecer alguns quilos para, de fato, estarem satisfeitas com seus corpos. Para isso, fazem sacrifícios enormes, com dietas restritivas, colocando à prova sua saúde e até mesmo desenvolvendo transtornos alimentares (RIBEIRO, 2016), como no exemplo da Hathor que acredita estar sofrendo de distorção corporal. Silva e Rey (2011), argumentam que se houver falta de investimento narcísico, em relação ao agente materno, o Eu ideal dessa mulher pode vivenciar uma lacuna subjetiva, e então o seu ideal de eu sofrerá as consequências, buscando atingir os ideais culturais a qualquer custo. E na busca em tentar atingir esse ideal de beleza vigente, algumas mulheres acabam estabelecendo uma relação persecutória com seu

corpo, como no caso da entrevistada Hather, que relatou sempre ter tido problemas em relação à sua imagem e ter buscado dietas e exercícios para tentar atingir um corpo padrão.

Ao revelar não identificar seu corpo entre os expostos nas mídias, a entrevistada parece estar em um limbo de simbolização, em consequência disso, não consegue associar seu corpo a alguma cadeia de significantes que faça sentido para ela, e por isso não vê o seu corpo como o mesmo que está na balança, nas fotos e no espelho, vê imagens distorcidas de si e isso acaba gerando sofrimento em Hather (NASCIMENTO; SILVA, 2014).

As mulheres relataram estarem satisfeitas, mas com desejo em emagrecer, realizar exercícios físicos, não mais por estética e sim por saúde, como se existisse uma espécie de culpa atualizada onde só é justificável a insatisfação corporal apenas por motivo de saúde. Saúde esta que atende aos requisitos estéticos de uma padrão de beleza vigente. Cardoso (2017) comenta sobre como a beleza aparece através das normativas antipeso e antienvelhecimento, sendo que as normativas incluem umas às outras como cadeias significantes: beleza-juventude-saúde.

Duas normas parecem dominar a galáxia feminina da beleza: o antipeso e o antienvelhecimento. A identidade do corpo das mulheres equivale à harmonia da tríade beleza/saúde/juventude. Influenciadas especialmente pela mídia, elas estão, cada vez mais, colocando-se a serviço de seus corpos, incitadas pelo imperativo que identifica beleza à juventude, assim como juventude à saúde. Resta-lhes, portanto, fazer qualquer tipo de concessão para alcançar essa finalidade norteadas por um ideal impossível, uma demanda infinita de uma beleza total. Ainda que os padrões estéticos tenham se modificado nos últimos tempos, a luta para atingir o ideal de beleza é algo que tem marcado a relação da mulher com seu corpo (CARDOSO, 2017, p. 2)

De acordo com Cardoso (2017), as mulheres se relacionam com seu corpo como maneira de existir no mundo, como uma maneira de responder a angústia da castração, como uma forma de dar contorno para a feminilidade. Silva e Rey (2011) ainda acrescentam que, por estarem inseridas na cultura, as mulheres reconhecem os atributos que são postos como os ideais de beleza representantes de um Ideal de Eu de feminilidade, por isso recorrem a cirurgias plásticas, dietas, academias, adornos para apresentarem em seu corpo aquilo que irá lhe atribuir a feminilidade. É através de seu corpo que a mulher captura o olhar do outro e retorna à posição narcísica primária de SER o falo e, assim, consegue encobrir a castração. É possível observar que os padrões de beleza, possuem esta função de “compensação fálica” (SILVA; REY, 2011, p. 564) como também, uma maneira de controle sobre a mulher (WOLF, 1991).

Wolf (1991) explica que, historicamente, a fome é algo familiar para as mulheres, sendo que concebiam o alimento como “o símbolo básico do valor social” (p. 125). Alimentava-se bem quem era valorizado socialmente. (WOLF, 1991). Hoje, mesmo não existindo para algumas mulheres a escassez dos alimentos, a ideia de que a mulher poderia se alimentar bem,

seria de fato concordar que ela e o homem ocupam posições iguais na sociedade. O que não ocorre. É culturalmente ensinado às mulheres a estarem sempre insatisfeitas com seus corpos, preocupadas com seus quilos e com as calorias dos alimentos. Com o sentimento de culpa pelo seu corpo falho e cheio de pecados as mulheres não reivindicam seus direitos, não reclamam as injustiças, o ideal de beleza impõe a magreza buscando domesticar o corpo feminino. “A mulher magra ‘ideal’ não é linda do ponto de vista estético; ela é uma bela solução política” (WOLF, 1991/2020, p. 286)

A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher: ela pode ser bonita, deve ser bonita, do contrário não será totalmente mulher” (Novaes, 2006, p.85). Essa autora utiliza o termo de Baudrillard: “moralização do corpo feminino” para dizer que a beleza se tornou uma questão de ética. (NASCIMENTO; SILVA, 2014, p. 353).

Neste eixo temático, observa-se que a insatisfação corporal é uma maneira que as mulheres respondem a uma cobrança social sobre o que deve ser uma mulher, ao mesmo tempo que também buscam eleger um significante a feminilidade (NASCIMENTO; SILVA, 2014). A mulher, como um sujeito do desejo, está pela via da beleza e da feminilidade, buscando signos advindos do Outro (social) que a coloque como bela. Ao perguntar para o Outro “o que queres?”, recebe como resposta que, para ser aceita, precisa estar conforme aos padrões do que a sociedade determina. Sobre esse ponto, Barros e Ligeiro (2020), ao tocar no aspecto concernente ao enigma do desejo do Outro, na perspectiva lacaniana, afirmam:

O Outro, assim, representa o lugar dos significantes, um conjunto de termos que nunca aparecem sozinhos, mas sempre remetidos a outros termos, portanto, uma apreensão lacaniana do conceito de inconsciente, na medida em que este é estruturado como uma linguagem. Segundo Kaufmann (1996), o ser humano vem ao mundo inserido num discurso anterior a ele, marcado pela fantasia de seus pais, pela cultura, pela época, dentre outros fatores (BARROS; LIGEIRO, 2020, p. 5).

Considerando a afirmação das autoras, o que o Outro, enquanto um lugar de significantes permeados pela sociedade e cultura, exigem de uma mulher? Verificamos que, apesar das conquistas dos movimentos feministas, muito precisamos avançar.

## **7.2 Eixo temático 2: Estética, Envelhecimento e Cirurgias Plásticas**

No eixo temático 2, foram investigados a relação das entrevistadas com os procedimentos estéticos, podendo ser desde procedimentos realizados em casa, salões de beleza, esteticistas ou cirurgias plásticas. De modo geral, 100% realizam procedimentos

estéticos. Duas das entrevistadas realizam em casa alguns procedimentos estéticos, sendo eles: *skin care*, cronogramas capilares, unhas sobancelhas e depilações.

Afrodite comentou que: “Faço as unhas, sobancelhas. Não tem regularidade, quando sobra tempo”. Quando questionadas sobre cirurgias plásticas, apenas Afrodite relatou já ter colocado silicone e ter feito botox, as outras entrevistadas disseram não ter realizado nenhuma cirurgia plástica e todas afirmaram querer realizar alguma cirurgia plástica, como notamos na fala de Freya:

Sim, bichectomia, tirar excesso de buchecha, micropigmentação para mudar a cor dos lábios e lifting. Se tivesse dinheiro iria colocar silicone, mas somente quando for mais velha, está tudo em pé, não tem necessidade ainda não. Antigamente pensava em mudar o nariz, mas hoje em dia gosto dele, tenho medo de ficar esquisita, estilo a Anitta, tem gente que exagera nas cirurgias plásticas e fica esquisita.

Afrodite disse que “faria uma lipo, mas não é urgente”. Relatou que é “um pensamento que vem e vai embora (...) Não fico obcecada com isso, mas faria”. Hathor : “sempre tive vontade, sempre tive olheiras e linhas de expressão nos olhos. Quero fazer o procedimento, mas não sou encanada com isso não, se o dinheiro sobrar, se aparecer a oportunidade eu faço”.

Pimentel (2008) em seu texto “Beleza pura”, argumenta que foi construído pelas mídias sociais a ideia de que um determinado tipo de corpo está associado ao sucesso, aceitação social, garantia de amor.

Wolf (1991/2020), expõe sobre como os cosméticos, o avanço das tecnologias e dos procedimentos estéticos colocam a responsabilidade na mulher em evitar o envelhecimento, as imperfeições. É possível observar que, mesmo as entrevistadas comentando estarem satisfeitas (eixo 1) e não estarem “encanadas”, todas desejam alterar alguma coisa, realizar algum procedimento. A fala delas endossa os argumentos de Naomi Wolf (1991/2020) ao expor que a perene insatisfação corporal que é uma manutenção da ordem social sobre as mulheres por elas terem conseguido acessar alguns espaços de poder e ascenderem economicamente, e por isso, garantirão que elas nunca consigam atingir um corpo que não necessite de modificação.

Nascimento e Silva (2014), explicam que a imagem então garantia de existência em sociedade:

Nesse sentido, se o sujeito transforma-se em imagem, ou melhor, se sua faceta subjetiva mais importante se torna a imagem de si, não soa estranho que ele ambicione reconhecimento social e visibilidade através da apreciação do outro acerca de sua imagem. De qualquer modo, colocado o sujeito do espetáculo, ele se faz existir quando se torna visto. “Sou visto, logo existo”. Se não sou visto, não existo? (NASCIMENTO; SILVA, 2014, p. 347)

Assim, para existir as pessoas devem consumir produtos, e assim, tornam-se produtos a serem consumidos, desejado pelos outros, mas para isso precisam estar se atualizando e cuidando para não expor na pele o envelhecimento, ou seja, para não ser um produto antigo, vencido (CERIBELLI & ZANELLO, 2022). O envelhecimento é um medo para as mulheres, pois a velhice significa segregação, abandono, invisibilidade. Se não é visto, se não tem valor para ser consumido, a mulher, então, não existe. (NASCIMENTO & SILVA, 2014)

Ao serem questionadas sobre os procedimentos estéticos, as entrevistadas demonstraram uma grande preocupação com o envelhecimento de sua pele. Freya e Hathor foram as que mais enfatizaram isso, relatando sobre a realização de *skin care*, sendo este procedimento utilizado para retardar o envelhecimento da pele. Nas palavras de Hathor: “Skin care, unha, cabelo, eu mesmo faço, não saio para fazer. Eu mesma faço a maquiagem. Agora está sendo mais, cáí em mim que tenho mais de trinta anos, preciso cuidar da minha cara”.

Já para Freya:

Espero ter condições financeiras para ficar realizando peeling e botox para prevenção, conseguir me manter enxuta enquanto envelheço. Quero comprar produtos melhores, tenho uns baratos mas não são tão bons, vou investir em produtos melhores é um dinheiro bem gasto (...) Eu quero vivenciar cada fase da vida, gosto de observar as mudanças do meu corpo. Quero ter filhos, sei que meu corpo vai mudar e estou ansiosa para vivenciar essas mudanças, quero saber se vou conseguir envelhecer bem, se vou ficar enxuta, se as skin cares vão fazer efeito, se as cervejas que estou deixando de beber vão fazer efeito, tenho uma genética boa, por ter sangue indígena meus familiares envelhecem bem, estão enxutos, com a pele boa, o sangue indígena contribui para não envelhecer tão rápido.

Hathor relatou:

Tenho medo do envelhecer, não por causa da aparência, mas terei menos oportunidades, de fazer alguma coisa do que estou tendo agora, não que eu tenha, mas fica mais dificultoso. Dificultoso por acesso, a sociedade exclui. Ao mesmo tempo que tenho medo de envelhecer, eu acho lindo, porque tive o privilégio de viver por muitos anos, tem gente que morre cedo. Mas a sociedade exclui, como se não tivesse mais serventia

Afrodite disse que sente bem, informando ter o seguinte pensamento:

Se não quiser ficar velho tem que morrer cedo, eu não quero morrer, quero curtir tudo que a velhice traz, as ruguinhas. Sei que a velhice traz coisas boas e difíceis. Dificuldades motoras, locomoção. O corpo vai ficando decadente, precisa movimentar, equilíbrio piora. Então tem que se movimentar!

Como pode-se observar, as mulheres denunciam a preocupação com o envelhecimento e expõem o cuidado com a estética e Freya ainda aponta que é um processo passado de geração em geração entre as mulheres, ainda acrescenta, que faz “sacrifícios” privando-se de cervejas e

desejando consumir produtos mais caros, por ser um bom investimento, confirmando o que Naomi Wolf (199/2020) exemplifica como exigências da seita da beleza que não permite nenhuma mulher escapar, pois precisam manter-se penitentes pelo pecado de ser mulher e de envelhecer. (WOLF, 1991/2020, p.179).

O temor ao envelhecimento, de acordo com Pimentel (2008), é também o não reconhecimento da finitude da vida. As mídias alimentam esse medo que assombra as mulheres e ainda propõe um alívio subjetivo ao propor a padronização dos corpos. Como espelho imitam o outro que encanta, o outro que não envelhece, mesmo que isso custe a morte de simbolizações particulares (NASCIMENTO; SILVA,2014, p. 345)

Nascimento e Silva (2017), comentam que a beleza é algo moral para mulheres, uma obrigação da correspondência da feminilidade. Rita Von Hurty (2019) resgata a história da civilização grega e a assimilação das mulheres a objetos, onde deveriam, assim como um objeto, possuir a característica da beleza e esse pensamento mantém-se até hoje. É fato que para a sociedade capitalista, o sujeito só tem valor se é belo, bonito e produtivo. No caso das mulheres, especialmente no mundo do trabalho, a beleza ganha a mesma importância, senão maior importância do que a produtividade e a intelectualidade (WOLF, 1991/2020, p. 50).

Se não é bela e vaidosa conforme os padrões socialmente aceitos, a mulher acaba recebendo o adjetivo de masculina, como se a intelectualidade fosse um lugar destinado aos homens e a beleza às mulheres. Grant (1998) refere que essa ideia é presente na clínica psicanalítica, onde algumas mulheres sustentam-se “num tipo particular de mulher intelectual e nos diz que tal tipo de profissão era associado quase exclusivamente, tempos atrás, com um perfil de mulher tipicamente masculino” (p. 249-250). Percebe-se que hoje esse fato não se apresenta tão diferente.

O que também está por trás do signo socialmente reforçado da feminilidade, além da beleza, é a maternidade. A psicanálise, principalmente a partir de Freud, nos diz que ser mulher é igual a ser mãe. Freud (1933/2018) em seu texto “Feminilidade” explica que as mulheres encontram na maternidade a possibilidade de obter um falo e assim recalcar a castração. Porém, ao tentar dar conta de explicar o que é uma mulher, Freud confrontava-se com diversas características entendidas, no âmbito social e cultural, como masculinas. Todavia, e as mulheres que escolhem não serem mães? Não seriam elas mulheres ou menos femininas?

Apesar do esforço de Freud em explicar por onde passa a subjetividade feminina, observa-se que a equação mulher = mãe cai por terra quando encontramos “mais e mais mulheres nos dias atuais optando por não serem mães e, no entanto, em nada delas poderíamos

suspeitar não serem femininas” (GRANT, 1998, 249). Nesse sentido, a beleza é mais uma, dentre tantas outras, maneiras de obter o falo. Ter um filho deixa de ser a única forma.

Malvine Zalcberg (2007), retomando o que Lacan se referiu como “a mulher mascarada”, salienta que a mulher, no intuito de esconder sua falta, torna-se “camaleônica, muda de aparência com facilidade e rapidez” (p. 65). Nas palavras da autora:

Lacan chama de *mascarada* o conjunto de recursos aos quais uma mulher recorre para dissimular, de maneira enganosa, sua falta que é basicamente, como já mencionei, falta de uma identidade especificamente feminina. Isto porque, a mulher, feita de amor e de aparência, precisa de um verdadeiro arsenal para sustentar a ausência de significante que lhe diria quem é como mulher. A mascarada é a um só tempo máscara e véu do que não se tem (ZALCBERG, 2007, p. 65)

Neste eixo temático, nota-se que o temor do envelhecimento atravessa as mulheres. Mesmo que de maneira tímida, todas as entrevistadas trouxeram a questão do envelhecimento, o autocuidado, como preocupação em envelhecer bem. Ao trazer o uso de procedimentos estéticos e o desejo de realizar determinadas cirurgias plásticas, as mulheres usam a busca da beleza como ferramenta de retardar o inevitável: o envelhecimento. Para além disso, verifica-se que no ato do “se cuidar” e da busca pela beleza, existe algo de subjetivo que, por sua vez, está articulado com a questão social: ser bela para ter o falo, ser bela e jovem para ser aceita socialmente, no lugar de uma mulher dita “feminina” pela sociedade.

Assim, na tentativa de encontrar um significante que defina o que é A MULHER, algumas mulheres mergulham intensamente no signo da feminilidade associado à beleza. O capitalismo se aproveita dessa falta para oferecer, cada vez mais, objetos, mercadorias que supostamente vão dar conta do sofrimento psíquico. O capitalismo se aproveita do fato de que A mulher não existe, fazendo que com isso a máquina do capital continua a trabalhar, porque ela vai estar a todo tempo procurando mercadorias que a coloquem neste lugar que é impossível de estar, porque a mulher só existe no uma a uma, considerando a teoria lacaniana. O corpo feminino é, nesse sentido, uma mercadoria que carrega outras mercadorias.

### **7.3 Eixo temático 3: Relacionamento com o próprio corpo: Mídia e Ideais de Beleza**

No eixo temático 3, foram investigadas as relações das entrevistadas com seus corpos. Ao serem questionadas sobre o que é um corpo ideal, duas das participantes, Hathor e Afrodite, associaram ter um corpo ideal com saúde. Para Freya, um corpo ideal é:

Um corpo que faz sentido, bem feito. Uma pessoa que começa bonita no pé. Meu próprio corpo é ideal, só que eu só preciso emagrecer um pouco, mesmo quando estava

mais magra achava que precisava emagrecer mais, a gente não consegue perceber, sempre acha que falta alguma coisa.

Segundo Afrodite, o corpo ideal é “um corpo saudável”. E um corpo bonito “é um corpo que não sobra muito, está cabendo onde está. Corpo dentro das medidas, tem que estar bem, bem vestida, dentro da roupa. Não colocar um 42 em um 38”.

Como pode-se verificar pela fala das entrevistadas, o corpo ideal tem uma medida, uma característica: “saudável”. Silva e Rey (2011) argumentam que as mídias contribuem muito para reforçar a concepção que associa a beleza com saúde e juventude. Nota-se, pela fala das entrevistadas, que existe no imaginário das mulheres uma ideia muito cristalizada de um Ideal Corporal, sendo este, algo que não deve sobrar, que tem a medida certa. Essa fala remete também a outro momento da entrevista em que todas as participantes relataram ter desejo de realizar algum procedimento estético. Outro ponto abordado é que todas as participantes se queixaram de estarem acima do peso. As mulheres, a partir das mídias sociais, estão sempre com a sensação que seu corpo não corresponde ao que é visto e colocado como um ideal corporal. A fala de Freya traz uma importante reflexão sobre a falta, o sentimento de nunca sentir-se satisfeita com seu corpo, apresentando o que Freud denomina como castração, que provoca esse sentimento da falta. (PEREZ, 2012, p.2)

Perez (2012) trabalha com o termo “falo imaginário” para designar um objeto que ilude com sentimento de completude, tornando completo quem acredita o possuir, resgatando assim o narcisismo primário do sujeito. A autora ainda explica que a sociedade, através da indústria cultural, elegeu o corpo belo como representante fálico, já que a beleza aparece como “uma ponte para a conquista de poder, felicidade, amor e inclusão social” (PEREZ, 2012, p.2).

Wolf (1991/2020) relata que o marketing buscava formas de manipular mulheres com o objetivo de promover nelas a culpa pelos pecados de não exercer de maneira perfeita as funções atribuídas às mulheres: dona de casa, esposa e mãe. Atualmente a culpa das funções domésticas foi transferida para o corpo da mulher, sendo “ser bela” o atual papel social feminino.

Os anúncios oferecem variados tipos de cosméticos, procedimentos estéticos, alimentos e infinitudes de coisas que garantem que as mulheres possam atingir o Ideal Corporal, basta querer e adquirir os produtos.

Parafrazeando Friedan, por que nunca se diz que a função realmente crucial que as mulheres cumprem por desejarem ser lindas é a de comprar mais produtos para o corpo! De alguma forma, alguém em algum lugar deve ter imaginado que elas comprarão mais se forem mantidas no estado de ódio a si mesmas, de fracasso constante, de fome e insegurança sexual em que vivem como aspirantes à beleza (...)

mito da beleza, em sua concepção moderna, surgiu para tomar o lugar da Mística Feminina, para salvar as revistas e seus anunciantes das terríveis consequências econômicas da revolução feminina. (WOLF, 1991/2020, p.103)

A afirmação acima faz refletir sobre como os papéis sociais atrelados às mulheres aparecem também associados aos contornos da feminilidade trabalhados pelo Freud em seu texto “A Feminilidade”, de 1933. Através das imagens midiáticas de quais corpos são belos e femininos, as mulheres veem nessas publicidades o Ideal de Eu em relação ao tipo de corpo que devem possuir. Ao discutirem (SILVA & REY, 2011; NASCIMENTO & SILVA, 2014), a importância dos conceitos Eu Ideal e Ideal de Eu na constituição psíquica dos sujeitos e como as imposições de um padrão de beleza corporal impactam na constituição psíquica das mulheres, afirmam que as mídias ocupam o lugar do Grande Outro, um juiz de valor que antes era ocupado pelas funções parentais (mãe e pai). A indústria cultural, gozando deste lugar, “vende” uma imagem de qual corpo ocupa o local de perfeição, remetendo as sensações do narcisismo primário que ocupavam na infância em relação aos pais. Na tentativa de retornar a esse lugar idealizado, que obtinha amor e investimento sobre si, as mulheres buscam atingir a qualquer custo esse ideal.

Nascimento e Silva (2014) ainda argumentam que o excesso de imagem impossibilita as simbolizações particulares do que seria então o Ideal de Eu que cada uma poderia buscar a partir dessas imagens. Em outras palavras, as mulheres assumem o que é proposto pelas mídias sociais como única possibilidade de beleza (LEWKOVITCH & GRIMBERG, 2016). Com isso as mulheres, desconsideram seu próprio biótipo, a realidade de seu próprio corpo e sofrem como uma culpa moral por não conseguir alcançar aquilo que é imposto e falaciosamente vendido como alcançável (WOLF, 1991/2020; CERIBELLI & NOGUEIRA, 2022).

Quando questionadas se já observaram alguma situação social em que o corpo contribuiu de alguma maneira nas relações sociais, todas as entrevistadas responderam que sim. Freya relatou que conseguiu seu primeiro emprego por estar mais bem arrumada que as outras candidatas, revelando não saber se foi só pela beleza que conseguiu a vaga, mas tem certeza que contribuiu.

O corpo feminino e a beleza tornaram-se socialmente valorizados como capital cultural. Nesse sentido, Novaes (2006, p.83) comenta que a beleza se tornou moeda de troca para as mulheres. Goldenberg (2005, p. 66), cita Bourdieu (1990), para dizer que as mulheres ganharam um ‘nome’ e transformaram-se em “capital físico” “a partir de seu corpo, sua aparência, sua beleza”. (NASCIMENTO; SILVA, 2014, p. 353)

Afrodite afirma que beleza abre as portas e ainda destacou que o belo é o magro, e tudo que foge desta estética acaba sendo repellido pela sociedade. Hathor faz uma fala que endossa a

afirmativa de Afrodite, ao comentar que vivenciou situações em que se sentiu descartada amorosamente por não se encaixar em um padrão corporal considerado socialmente atraente.

Nas palavras de Hathor:

Contribuí demais, não sou uma pessoa totalmente insegura, minha fraqueza, assim que tiver oportunidade de fazer terapia por isso eu vou fazer. Eu sei que sou uma pessoa bonita, divertida, agradável, inteligente, sou mais do que meu corpo e meu corpo é só um corpo, não me define. Mas na maioria das vezes que vou me relacionar com um homem eu sinto que meu corpo é o fator principal se o cara vai querer ficar comigo ou não, se vai me assumir ou não. Pode ser uma coisa da minha cabeça, pode ser verdade, mas várias vezes eu me relatei com caras que não me assumiram por causa do meu corpo. Eu fico triste, mas depois eu falo ‘ah se não quer, não tem problema’. Somos seres carentes, queremos ter alguém, então isso pesa, chega um momento que queremos ter alguém. Já aconteceu de chegar e falar que não queriam um relacionamento, mas passava uns 3 meses e assumia um relacionamento com uma pessoa totalmente diferente de mim, magra e tals. Eles ficavam comigo, mas ficavam escondidos.

Na fala desta participante, podemos observar o que a pesquisadora Valeska Zanello (2022), chama de “prateleira do amor”. Em resumo, a pesquisadora faz uma crítica à construção social sobre as mulheres em relação ao amor. De acordo com a pesquisadora, as mulheres aprendem a amar homens, no entanto, os homens aprendem a amar muitas coisas. Culturalmente, as mulheres foram ensinadas a serem responsáveis pelo cuidado com o outro, a buscarem e idealizarem relações românticas.

Zanello (2022) tece uma crítica em como a autoestima da mulher está atrelada ao olhar do outro, em como as mulheres são vistas como objeto que devem ser escolhidos e amados por homens, para terem sua existência validada na sociedade. Por tanto, ser bela é um atributo que faz com que essa mulher se torne um produto no mercado do amor um pouco mais valioso, como exemplo os aplicativos de relacionamentos atuais que tem como princípio avaliar uma pessoa pelas suas fotos e a escolher, dentre as opções, como se faz em um cardápio (CERIBELLI; ZANELLO, 2022). Silva e Rey (2011) corroboram com a assertiva de Ceribelli e Zanella (2022) ao dizer que “a busca da beleza atinge mulheres de todas as classes sociais, que ser bela é um ideal universal feminino, que através dele as mulheres buscam ser amadas e se tornam objetos de desejo sexual para os homens” (SILVA; REY, 2011, p. 562)

Ao serem questionadas sobre os sentimentos ao expor seus corpos, as entrevistadas responderam que atualmente se sentem bem, e expuseram um panorama sobre como se sentiam no passado. Freya relatou que não se sentia bem ao expor seu corpo e que durante o período que morou em ‘Avalon’, durante sua infância, não se identificava com as pessoas do local, não se achava bonita por não reconhecer seus “traços indígenas” comuns aos outros da região:

Gosto de ter os traços indígenas, mas quando era mais nova não gostava, não me sentia bem, não via ninguém da minha cor aqui em Avalon. Eram todos brancos e eu com traços indígenas, não me sentia bonita, quando voltei para Atlântida e vi algumas pessoas com os traços parecidos com os meus me percebi padrão, que era bonita. Isso me ajudou a me aceitar mais e me sentir bonita.

No tocante a esse aspecto, afirmam Nascimento e Silva (2014, p. 346):

A partir dessa ideia da autora, podemos pensar que o sujeito pós-moderno se tornou predominantemente ancorado no imaginário. Nesse sentido, ele se torna insuficientemente simbólico e excessivamente imaginário. Ela denuncia que a contínua produção cultural de imagens, pela via do espetáculo, antecipa o sujeito e realiza, por ele, todo o trabalho de relação com o real. Assim, o sujeito está “perdido de suas referências simbólicas”. Desse modo, em face do “desamparo subjetivo”, só resta ao sujeito se valer das representações fornecidas pela indústria da imagem (Kehl, 2003, p.2). (NASCIMENTO; SILVA, 2014, p.346)

Verifica-se, no relato de Freya, a importância de se ver nesses modelos de imagem de uma beleza ideal. Reconhecer-se, fazer parte de um todo. Aqui pode-se pensar que a questão da beleza não é sobre ser a mais bela, como está exposto nas histórias da mitologia grega, mas sim uma questão de coletivo, pertencimento. Silva e Rey (2011) explicam que na constituição da feminilidade, como teorizado por Freud (1933), “a menina ao abandonar a mãe como objeto de amor, toma-a como objeto identificatório”, portanto, as mulheres buscam como referência outras mulheres para eleger seus significantes para a feminilidade (VERCEZE & CORDEIRO, 2019, p.154).

A citação acima de Nascimento e Silva(2014) pode-se verificar que ao reconhecer suas características em outras mulheres semelhantes, Freya, viu-se como um sujeito que possui beleza. Ao se apropriar de significantes que encontrou em outras mulheres pode reconhecer seu próprio corpo como belo.

Afrodite comentou que não gosta de usar roupa curta, mas não se sente mal ao usar roupas de banho. Informou ter percebido as mudanças na maneira como as pessoas enxergam as mulheres gestantes:

A mulher é bela, mas durante a gestação ela fica invisível aos olhos de outros, dos homens. Parece que vira um corpo sagrado, ainda mais porque não estava casada. Desde a primeira gestação, já esperava as alterações corporais, e o corpo vai mudando aos poucos, demora, parece que é rápido, mas vamos adaptando. Engordei uns 6 quilos , emagreci por causa do enjôo 3 quilos e depois engordei 9 quilos. Tive parto normal, tudo voltou bem rápido, não sofri muito com cortes na barriga.

Ao tornar-se mãe, Afrodite se deparou com a impossibilidade de ser o objeto de desejo do outro, ocupando o local sagrado associado à maternidade (BATINDER, 1980). O relato de Afrodite expõe o que Ceribelli e Zanello (2022) argumentam sobre o valor da mulher associado

a uma “função social”, onde é esperado que ela se case, tenha filhos e seja linda, tal como também endossa os argumentos de Silva e Rey (2011) em relação ao olhar do outro como saída para constituição da feminilidade. Parece que a maternidade de Afrodite não foi capaz de capturar o olhar do Outro e assim resgatar o sentimento de completude narciso que a criança experimenta em relação ao olhar da mãe (FREUD, 1933/2018). Precisou recorrer a cirurgia plástica para resgatar sua autoestima, bem como os olhares que perdeu, voltando a sentir-se fálica (SILVA & REY, 2011; PEREZ, 2012; NASCIMENTO & SILVA, 2017; PIMENTEL, 2008).

## 8 CONCLUSÃO

O presente trabalho, a partir da pesquisa bibliográfica e das entrevistas, contribui para trazer ao debate acadêmico os impactos subjetivos que as imposições dos padrões de beleza causam às mulheres. Verificou-se que as mulheres encontram na beleza, muitas vezes, a possibilidade de existir em sociedade, uma vez que a mesma ainda é um símbolo da feminilidade. No entanto, esse símbolo passa a ser imposto e utilizado para controle das mulheres: ao invés de uni-las pelo significante belo nos seus mais diversos padrões, segrega ao determinar apenas um tipo de beleza.

O capitalismo, somado ao patriarcado, busca maneiras de internalizar e associar a beleza como obrigação moral da mulher, como a única possibilidade de existir e viver no mundo de forma plena. Com direito ao amor e ascensão social, é como se as mulheres fossem totalmente responsáveis pelas mazelas que as acometem por não estar dentro das normas, afinal, sempre existirão outros produtos, outras mercadorias, que supostamente acabarão com o mal-estar e suprirão a sua falta fundamental. É como se o sistema capitalista, em sua associação com o patriarcado, dissesse: “quem mandou ser mulher, paga pelo pecado das ancestrais mitológicas, Eva e Pandora” (WOLF, 1991/2020, p.143).

Conclui-se então, que a beleza como colocada na sociedade e imposta às mulheres, reverbera de diversas maneiras no psiquismo feminino, sendo percebido como fator de risco a saúde mental de mulheres (SANTOS, 2012), tornando fundamental a atuação de psicanalistas e psicólogas para amenizar os sofrimentos psíquicos que assolam as mulheres na busca de atingir os ideais de beleza e, assim apaziguar, as angústias de alienação ao olhar do outro.

Por ser um assunto complexo e presente na experiência de vida das mulheres, nota-se a importância de maiores investigações, considerando as mulheres que escaparam de exemplificação e compreensão em relação aos atravessamentos que as imposições de um padrão de beleza causam, a exemplo as mulheres idosas e as mulheres trans.

De modo geral, acredita-se que o objetivo deste trabalho foi alcançado, tendo em vista que foi possível compreender de que modo a pressão estética, em direção a um padrão de beleza, interfere na subjetividade da mulher, especialmente no que toca ao aspecto da feminilidade. Neste sentido, encerramos com a assertiva de Freud (1921/2011) que, ao afirmar que toda a psicologia individual é uma psicologia social, aponta para o fato de que a psicanálise é uma disciplina que não se sustenta sozinha, nela mesma, mas sim relacionada com os fenômenos e a estrutura social e nas mudanças que nela ocorrem. Nessa perspectiva, este trabalho procurou investigar a subjetividade das mulheres em relação ao feminino com relação aos mitos da

beleza, buscando dialogar com as teorias feministas e de gênero, considerando principalmente a obra de Naomi Wolf (1991/2020), “ O Mito da beleza”.

Sabemos de toda a crítica feita à psicanálise advinda das teorias feministas e de gênero, particularmente na questão do “falocentrismo”. Por outro lado, longe de fechar o debate em torno desta questão e considerando as divergências e convergências entre os esses campos de saber, é digno de nota que a sociedade produz subjetividades, ou seja, o discurso social incita identificações, dita o que é certo, o que é errado, qual o corpo está dentro ou não dos padrões. Ao agenciar tudo isso, pautada ainda em valores patriarcais, produz subjetividades em massa, mas não sem desconsiderar a singularidade de cada sujeito. Tais subjetividades aparecem como resultado de uma identificação a um Ideal de Eu inalcançável.

A procura por esse ideal leva muitas mulheres a cometerem loucuras para se encaixar em um número 38, tal como vimos no relato de uma das participantes. Entre os aspectos suscitados na pesquisa, visualizamos que a maternidade não é o único destino à aquisição do falo. A beleza e a busca por estar no padrão estético ditado pela sociedade entra como uma outra forma de capturar o olhar do Outro e ter o falo. Espera-se que esse estudo sirva para incitar questionamentos e tensionamentos para outros trabalhos, outras pesquisas, nessa temática e na articulação entre as teorias feministas e a psicanálise.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Rita Maria Manso de; LIGEIRO, Vivian Martins. "**O que é ser mulher?**" - entre o enigma e o desamparo. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 3-13, jun. 2020. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912020000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912020000100002&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 16 nov. 2022.
- BATINDER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1985. Disponível em: <[https://rblh.fiocruz.br/sites/rblh.fiocruz.br/files/usuario/80/30.\\_um\\_amor\\_conquistado\\_o\\_mito\\_do\\_amor\\_materno\\_-\\_elisabeth\\_badinter.pdf](https://rblh.fiocruz.br/sites/rblh.fiocruz.br/files/usuario/80/30._um_amor_conquistado_o_mito_do_amor_materno_-_elisabeth_badinter.pdf)> Acesso em: 2 nov. 2022
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo. Ed. Difusão Européia do Livro, 1967.
- BENEVIDES, Beatriz. **Tendência Cirurgia Plástica 2021**. In: Dr. Beatriz Benevides Cirurgiã Plástica. [S. l.], 2021. Disponível em: <<https://drbeatrizbenevides.com.br/tendencia-cirurgia-plastica-2021/>> Acesso em: 9 nov. 2021.
- BONFIM, Flavia Gaze e VIDAL, Paulo Eduardo Viana. **A feminilidade na psicanálise**: a controvérsia quanto à primazia fálica. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21, n. 3, p. 539-548. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000300009>>. Acesso em 16 nov 2022.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Em tese: Programa de pós-graduação em sociologia política*, Universidade de Santa Catarina, ano 2005, v. 2, n. 1, 1 jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>> Acesso em: 3 dez. 2021.
- CAMPOS, Gabriela Rocha; FARIA, Hila Martins Campos; SARTORI, Isabela Duarte Sartori. **Cultura Da Estética**: O Impacto Do Instagram Na Subjetividade Feminina. *Cadernos de Psicologia*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 310-334, 2019. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2495/1628>> Acesso em: 17 nov. 2021.
- CARDOSO, Maria Cristina Bion. **A Beleza que vela o Feminino**. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 12(23), p.110-118. 2017. Disponível em: <[http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_23/pdf/9-a-beleza\\_que\\_vela\\_o\\_feminino.pdf](http://www.isepol.com/asephallus/numero_23/pdf/9-a-beleza_que_vela_o_feminino.pdf)> Acesso em: 3 dez. 2021.
- CERIBELI, M.; NOGUEIRA, M. **Bom Dia, Obvius**. #166/Eu me amo até pegar o celular. Entrevistada: Marina Nogueira. Entrevistadora: Marcela Ceribelli. Podcast Spotify. 7 nov 2022. Disponível em: <[https://open.spotify.com/episode/38u439zda1q937UBQ9R05X?si=XVidYp69Qa-2b90OotgzblQ&utm\\_source=whatsapp](https://open.spotify.com/episode/38u439zda1q937UBQ9R05X?si=XVidYp69Qa-2b90OotgzblQ&utm_source=whatsapp)> Acesso em: 2 nov 2022.
- CERIBELI, M.; ZANELLO, V. **Bom Dia, Obvius**. #152/A prateleira do amor. Entrevistada: Valeska Zanello. Entrevistadora: Marcela Ceribelli. Podcast Spotify. 01 ago 2022. Disponível

em:<[https://open.spotify.com/episode/31yrIodwXpW24pKrKnrCUg?si=64q1TiZIQoaMtCHj-7QR0A&utm\\_source=whatsapp](https://open.spotify.com/episode/31yrIodwXpW24pKrKnrCUg?si=64q1TiZIQoaMtCHj-7QR0A&utm_source=whatsapp)> Acesso em:30 out 2022.

CORRÊA, Gustavo Figueiredo Pires. **Corpo e sexualidade na contemporaneidade**. III *Simpósio Internacional de Educação Sexual*. 2013 Disponível em:<[http://www.sies.uem.br/anais/pdf/genero\\_e\\_identidade\\_de\\_genero/5-13.pdf](http://www.sies.uem.br/anais/pdf/genero_e_identidade_de_genero/5-13.pdf)>Acesso em: 15 nov. 2021.

DUPIM, Gabriella; BESSET, Vera Lopes. **Devastação**: um nome para a dor de amor. *Opção Lacaniana Online*. Ano 2. Número 6. 2011. Disponível em: <[http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_6/Devastacao\\_Um\\_nome\\_para\\_dor\\_de\\_amor.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/Devastacao_Um_nome_para_dor_de_amor.pdf)> Acesso em: 30 jul. 2022.

FREUD, Sigmund (1921). **Psicologia das massas e análise do eu**. In: FREUD, S. *Obras completas. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*, V. 15. São Paulo. Companhia das Letras. 2011.

FREUD, Sigmund (1933). **A Feminilidade**- Nova sequência de conferências de introdução à psicanálise- conferência XXXIII. p.313-341 In: Amor, Sexualidade e Feminilidade. *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. [S. l.]: Autêntica. 2018.

FREUD, Sigmund (1924). **A Dissolução do Complexo de Édipo**. In:\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. XIX.

G1-CE, **Influencer Liliane Amorim morreu por infecção após perfuração no intestino, aponta laudo: Liliane Amorim passou por uma lipoaspiração em 9 de janeiro em Juazeiro do Norte, no Ceará**. Ela foi internada em 15 de janeiro após sofrer complicações e faleceu no dia 24. *G1-Ceará, Ceará*, 2 fev. 2021. Disponível em:<<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/02/02/influencer-liliane-amorim-morreu-por-infeccao-apos-perfuracao-no-intestino-aponta-laudo.ghtml>> Acesso em: 17 nov. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2002. 4 ed. São Paulo: Atlas. Acesso em: 03 dez.2021.

GRANT, Walkiria Helena. **A Mascarada e a Feminilidade**. *Psicologia USP*. v. 9, n. 2. p. 249-260. 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200010>>. Acesso em: 10 nov 2022.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. *Anima Educação: EAD- Educação a Distância*. **Manual Pesquisa Qualitativa**, Belo Horizonte, ano 2014, v. 1, n. 1, p. 0-0, 3 dez. 2021. Disponível em: Elaine Linhares de Assis. Acesso em: 3 dez. 2021.

HUNTY, Rita Von. **Rita em 5 minutos: Padrão de Beleza**. In: *Tempero Drag*. 2019. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=fnq9oIefeSQ>

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Seminário original de 1964 (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2008.

LIMA, Grazielle. **Afinal, o que é ser belo?** *Obvius*, [S. l.], 2016. Disponível em: <[http://obviousmag.org/graziele\\_lima/2016/afinal-o-que-e-ser-belo.html](http://obviousmag.org/graziele_lima/2016/afinal-o-que-e-ser-belo.html)> Acesso em: 9 nov. 2021

LOURENÇO, Tainá. **Cresce em mais de 140% o número de procedimentos estéticos em jovens.** *Jornal da USP*, São Paulo, 11 jan. 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez-anos/>> Acesso em: 16 nov. 2021

NASCIMENTO, Christiane Moura; SILVA, Luiz Carlos Avelino da. **Sujeito mulher: a imagem da beleza.** *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 343-357, ago. 2014 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692014000200016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000200016&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 16 nov. 2021.

NOVAES, J. V. **Ser mulher, ser feia, ser excluída.** 2005. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2021

PEREZ, Camila Deneno. **“O Édipo em Lacan”** - O uso perverso do falo imaginário no mundo contemporâneo. São Paulo. 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/64236132-O-edipo-em-lacan-o-uso-perverso-do-falo-imaginario-no-mundo-contemporaneo.html>> Acesso em: 1 nov 2022.

PIMENTEL, Déborah. **Beleza pura.** *Estud. psicanal.* Belo Horizonte, n. 31, p. 43-49. 2008 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372008000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 15 nov. 2021.

RIBEIRO, Vannini de Medeiros Mendes. **A Psicologia Clínica e a Prevenção das Doenças da Beleza na Sociedade Brasileira Contemporânea.** Faculdade de Ciências da Educação e Saúde -FACES: [s. n.], p.97.2016. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/185256342.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2021.

SANTOS, Cristina Vianna Moreira dos. **Gênero e psicologia clínica: risco e proteção na saúde mental de mulheres.** 2012. 198 f. *Tese* (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, 2012.

SILVA, Denise Quaresma da; FOLBERG, Maria Nestovsky. **De Freud a Lacan: as idéias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina.** *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte , n. 31, p. 50-59. 2008 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372008000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100007&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 17 nov. 2022.

SILVA, Heloisa Cardoso da; REY, Siloé. **A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico.** *Psicologia: Ciência e Profissão.* v. 31, n. 3. p. 554-567. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300009>>. Acesso em 16 nov 2021.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos.** Cadernos da Fucamp, Minas Gerais, v. 20, ed. 43, p.64-83, 2021. Acesso em: 3 dez. 2021

VERCEZE, Flávia Angelo; CORDEIRO, Sílvia Nogueira. **Feminilidade não toda: uma revisão sistemática de literatura.** *Tempo psicanal.* Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 140-165.

2019.Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382019000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200008&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 10 ago. 2022.

VILHENA, Junia de; MEDEIROS, Sergio; NOVAES, Joana de Vilhena. **A violência da imagem**: estética, feminino e contemporaneidade. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza , v. 5, n. 1, p.109-144.2005.Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482005000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 15 nov. 2021.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres(1991). 9. ed. rev. Rio de Janeiro: Rosa Dos Tempos. 2020.

APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.

APENDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).

## APÊNDICE A

### Roteiro de Entrevista

- 1- Em relação a sua aparência, você se considera atraente?
- 2- Como você está em relação ao seu peso?
- 3- Quais procedimentos estéticos realiza e com qual frequência?
- 4- Usa algum cosmético na sua rotina, quais?
- 5- Como é sua relação com seu corpo, tem alguma queixa ou insatisfação?
- 6- Você tem vontade ou já realizou algum procedimento estético, quais?
- 7- O que é um corpo ideal?
- 8- Já reparou como as pessoas à sua volta lidam com o corpo?
- 9- Já percebeu alguma situação em que o corpo contribuiu de alguma forma para uma relação social, seja ela positiva ou negativa?
- 10- Como você se sente ao expor seu corpo?

## APÊNDICE B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar da Pesquisa **OS PADRÕES DE BELEZA DA SOCIEDADE BRASILEIRA E AS IMPLICAÇÕES NA SUBJETIVIDADE FEMININA: UM ESTUDO QUALITATIVO À LUZ DA PSICANÁLISE**, sob a responsabilidade do/a pesquisador/a **Dra. Jamile Luz Moraes Monteiro**, a qual pretende compreender as implicações dos padrões de beleza da sociedade brasileira na subjetividade feminina. Sua participação é voluntária e se dará por meio de sua participação em uma entrevista, via sala virtual do *googlemeet* que terá como base um roteiro com as seguintes perguntas: 1) Como você percebe a relação da sociedade brasileira com a aparência física?; 2) Como é sua relação com sua aparência física?; 3) Quais os sentimentos/pensamentos você tem ao expor seu corpo, por exemplo em praias/piscinas?; 4) Como você imagina que seja a beleza considerada “padrão” no contexto da sociedade brasileira?; 5) De que maneira sua aparência física interfere nas suas relações sociais? 6) De que forma sua aparência física influencia na sua saúde mental e no seu modo de existir no mundo?

É possível que, durante a realização da entrevista, você possa apresentar desconforto ao expor sua história e experiência, desencadeando memórias negativas como medo, vergonha, constrangimento, angústia, receio de revelar informações, ter sentimento de estar se sentindo vigiado, ter sentimento de invasão de privacidade, entre outros sentimentos que podem ser despertados. Além disso, pode acontecer de se sentir mobilizado(a) com situações que vivenciou em situações específicas na sua vida. Todavia, é dever do pesquisador a atitude empática e acolhedora para com o(a) participante, bem como prezar pela ética ao preservar a identidade do(a) participante e o sigilo de informações, a fim de não prejudicá-lo(a) e nem expor sua imagem. Por se tratar de uma pesquisa em ambiente virtual, existem riscos relacionados ao uso de ferramentas digitais. Assim, visando potencial risco de violação da confidencialidade dos dados, uma vez que as entrevistas serão gravadas e depois transcritas, é importante salientar que serão retirados das redes todos os registros usados durante a pesquisa, como a “nuvem” de armazenamento.

Se você aceitar participar, os resultados obtidos por esta pesquisa poderão contribuir com os(as) profissionais de psicologia, especialmente no âmbito da clínica psicológica, no sentido de fomentar a criação de dispositivos clínicos capazes de acolher e assistir pessoas que sofrem em decorrência de sua aparência física por conta da pressão estética no panorama da sociedade brasileira. Desse modo, essa pesquisa visa contribuir como suporte técnico e fonte de conhecimentos a psicólogos(as) e estudantes de psicologia, embasando suas possíveis intervenções diante do sofrimento em relação à auto-estima e auto-imagem. Ademais, é importante ressaltar o efeito catártico que uma entrevista dessa ordem proporciona promovendo um certo sentimento de alívio de tensão do(a) participante da pesquisa.

Se depois de consentir sua participação, você desistir de continuar participando desta pesquisa, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da mesma, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, se tiver alguma despesa decorrente desta pesquisa, esta será totalmente ressarcida pela pesquisadora responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com a pesquisadora

no seguinte endereço: **Quadra 304 Norte, alameda 01, lote 01, apt. 601 bloco 3. CEP 77006-352, Bairro Plano Diretor Norte** ou pelo endereço profissional: **Av. Lourdes Solino, 195 Setor Universitário, Miracema do Tocantins (CEP 77050-000) pelo telefone (63) 3366-8602 e (91)98807-6635 (telefone pessoal).**

**CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Pesquisador(a) responsável

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_